

ANO IV - N 13
JUL/AGO/SET - 2023
ISSN: 2675 - 1567

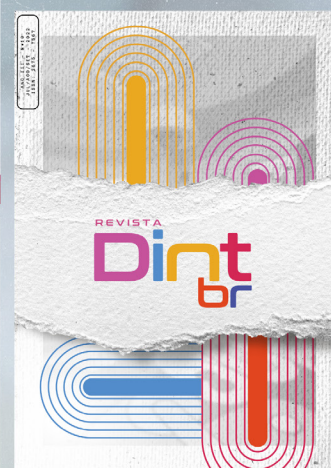
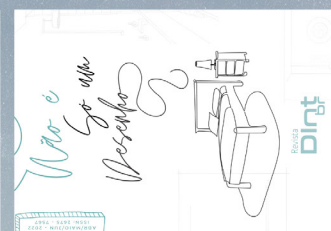
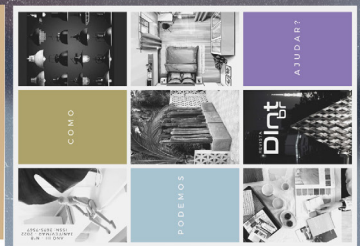
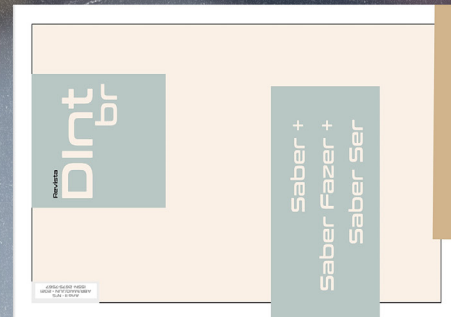
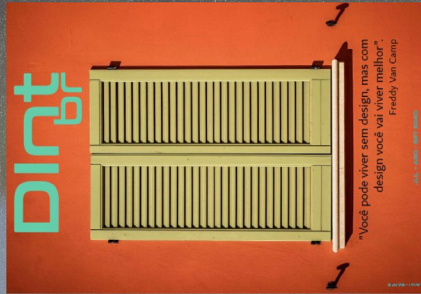
INDI VIDU ALIDA DES



REVISTA

Dint
or

@DESIGNDEINTERIORESBR



A C E S S E

NOSSAS EDIÇÕES
ANTERIORES

Nossa equipe

EDITOR-CHEFE

Paulo Oliveira
editoria@revistadintbr.com.br

CIRCULAÇÃO E MARKETING

marketing@revistadintbr.com.br

DIAGRAMAÇÃO

Susana Furlanetto
idinteriores@yahoo.com.br
Paulo Oliveira
paulooliveira@revistadintbr.com.br

PARA PUBLICAR

editoria@revistadintbr.com.br
parlatorio@revistadintbr.com.br
conselhoeditorial@revistadintbr.com.br

PARA ANUNCIAR

marketing@revistadintbr.com.br
REF: Publicidade

PARA APOIAR

contato@revistadintbr.com.br

PARTICIPAM NESTA EDIÇÃO:

Abraão Carlos, André Wuicik, Bete Branco, Nadia Mattos, Neandro Nascimento, Nora Geoffroy, Paulo Oliveira, Rosangela Bimonti, Thiego Brandão.

CONSELHO EDITORIAL:

Prof.a. Ms.a. Ana Célia Carneiro Oliveira
Prof.a. Dra. Andrea de Aguiar Kasper
Prof. Dr. Bianco Zalmora Garcia
Prof.a.Ms.a. Bruna Villas-Bôas Dória Lins
Prof. Ms. Carlos Magno Pereira
Prof. Dr. Josivan Pereira da Silva
Prof. Esp. Neandro Vasconcelos do Nascimento

Prof.a. Dra. Nadja Maria Mourão, phd
Prof.a. Dra. Nora Guimarães Geoffroy
Prof.a. Dra. Samantha Cidaley de Oliveira Moreira

Prof.a.Ms.a. Thabata Regina de Souza Brito

Prof.Ms. Thiego Barros de Almeida Brandão

CONSELHO DELIBERATIVO:

Abraão Carlos
Adelle Mendes
Nora Geoffroy
Rodrigo Assis
Rosana Silva
Samantha Cidaley
Thiego Brandão

EQUIPE INSTAGRAM:

Paulo Oliveira
Rosana Silva
Abraão Carlos

EQUIPE YOUTUBE:

Paulo Oliveira
Rodrigo Assis

ADMINISTRAÇÃO

contato@revistadintbr.com.br

Design de Interiores Brasil

Rua José Manoel dos Santos, 99
Fazenda d'Oeste I
Araçoiaba da Serra/SP
CEP 18190-000
Telefone: (15) 99185-1018

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista na Lei.



1. Editorial	6
	Paulo Oliveira
2. Por dentro da Academia	9
Cliente, como saber quem é você? Como dar a você o que você precisa?	
	Nora Geoffroy
3. Cores	14
O respeito às individualidades em espaços coletivos.	
	Bete Branco
4. Causos	19
Desenvolva as suas individualidades e “plus ultra”!	
	Neandro Nascimento
5. Design e Saúde	29
Celebrando as individualidades.	
	Thiago Brandão
6. Sustentabilidade	36
Sustentabilidade como conceito aplicado a individualidade.	
	Nádia Mattos
7. Materiais, Equipamentos e Acabamentos	44
	Rosangela Bimonti
8. Especial	61
Você conhece a história da regulamentação do DInt aqui no Brasil? - Parte III.	
	Paulo Oliveira
9. Opinião	72
Individualidade.	
	André Wuicik



INDIVIDUALIDADE É RESPONSABILIDADE!

Quando lidamos com nossos clientes é bastante comum surgirem problemas diversos, especialmente na fase inicial do briefing. Isso se deve, na maioria das vezes, à falta de confiança afinal, eles não nos conhecem – no sentido de não fazermos parte de seu círculo social mais próximo.

Essa situação pode trazer dificuldades ao lidarmos com aspectos do projeto que necessitam de dados pessoais, por vezes até íntimos, para a correta compreensão das variáveis e problemas e a consequente elaboração do mesmo.

Um dos problemas recorrentes junto aos clientes é a solicitação de cópia/plágio – ou, ao menos uso como referência – projetos apresentados em revistas e mostras. Nesse sentido vale ressaltar que nós não somos graduados para fazer cópias - até mesmo porque isso é crime e podemos ser merecidamente punidos judicialmente. Devo ressaltar, também, que todo projeto deve ser individualizado para atender corretamente às necessidades dos usuários. Logo, um projeto de revista ou mostra foi pensado para outros usuários. Isso sem entrarmos no mérito da ausência de identidade e história pessoal.

Outro problema, bastante comum é, por exemplo, a questão de uma pessoa da família - geralmente a mãe – ficar responsável por decidir o projeto de toda a casa toda, incluindo os espaços individuais dos filhos. Por mais que essa mãe pense que conhece seus filhos e seu companheiro, ela fatalmente irá “pesar a mão” em sua personalidade e gostos para definir os espaços de terceiros.

Pode ser o caso da menina que não gosta de rosa, do marido que se sente deslocado em ambientes luxuosos, do filho que não curte clássico, dos pais idosos que tropeçam em tapetes, dos pets que escorregam e forçam suas patinhas no piso liso... enfim, são incontáveis situações e problemas que não podem ser impostos por apenas uma pessoa.

Todos os usuários dos espaços devem ser ouvidos, mesmo que separadamente em algumas situações, para que suas demandas sejam atendidas e, por fim, se sintam confortáveis e pertencendo aos seus espaços

privados e nos compartilhados.

Você já pensou que um(a) bailarino(a) precisa de espaço em casa, por vezes pequena, para ensaiar. Você fará esse(a) usuário(a) ficar arrastando móveis a cada ensaio para ter espaço?

Não podemos nos esquecer, também, dos espaços comerciais. Aqui o cliente precisa ter consciência de que, apesar da identidade da empresa, ela deve agradar primeiramente ao público.

Nesse sentido, é responsabilidade do designer de interiores fazer os clientes

- Compreender que as individualidades de cada usuário dos ambientes são de extrema importância para que o sentimento de pertencimento aconteça e o atendimento às necessidades individuais;

- Entender que mostras são, geralmente, espaços conceituais criados para atender as necessidades de um cliente específico - que não é ele;

- Tomar conhecimento das bases metodológicas que compõem um projeto de DInt, os porquês de elas existirem e para que servem;

- Perceber os processos criativos e metodológicos do DInt e procurar participar de forma facilitadora e esclarecedora afim de evitar problemas futuros;

- Distinguir o factível do ilusório;

E você? Já passou por alguma situação complicada por causa desse tipo de problema?

Boa leitura.

PAULO OLIVEIRA

Editor da Revista DIntBR





CLIENTE, COMO SABER QUEM É VOCÊ? COMO DAR A VOCÊ O QUE VOCÊ PRECISA?

O design tem um foco que o ilumina: o cliente ou usuário do espaço. Quando ‘cliente’ ou ‘usuário’ são termos usados no singular, tão somente designam o conjunto de participantes do dado espaço, cada um deles ocupando um lugar legítimo que se impõe dentro das instâncias do projeto. Assim, para o design de interiores, uma criança de tenra idade tem o mesmo valor que a funcionária da moradia, a avó ou o cliente contratante. Todos são o foco e o destino da projeção. Em espaços semipúblicos ou públicos, de educação, lazer, comércio e ou/prestação de serviços, todas as pessoas que deles fazem uso importam e devem ser consideradas - seja na condição de proprietário, funcionário, prestador de serviços ou no papel de público alvo da empresa.

Sempre desconfio quando, por exemplo, numa moradia, é o homem que vem conversar comigo na entrevista inicial, apresentando desejos, preferências e fornecendo as ideias básicas para o projeto. Sua companheira permanece calada, apenas assistindo à anamnese, complementando minimamente aqui e ali sem nada acrescentar de significativo. Ao se ausentar o marido da sala onde a conversa se desenvolve, ela começa a participar, muitas vezes contradizendo-o. Ele, como contratante, daria as diretrizes para o projeto. Ela, submissa, aceitaria o resultado. O fato parece anedótico, mas já ocorreu comigo - sintoma claro de misoginia e de controle do poder masculino e econômico em jogo. Outras vezes, de modo similar, se dá o inverso - é o homem que se cala delegando à mulher a expressão das demandas da família. Recorrente também é a mãe que não estimula, ou mesmo impede, a fala dos filhos ou a sua expressão de vontade quando a eles nos dirigimos buscando dados para o projeto do seu espaço individual.

Esses obstáculos, embora significativos, são reduzidos diante da densa dificuldade de se chegar, de modo substantivo, ao cliente. Do mesmo modo, a dificuldade de transmitir o que se deseja não é nada fácil para o cliente. Os limites expressivos estão presentes em todos nós, principalmente nas áreas

com a qual não temos familiaridade. Foi-se a época em que o design autoral atribuía a si próprio as decisões de projeto. Não há mais espaço para tanta arrogância e tanto despreço pelo outro. A tendência no design contemporâneo é justamente a diluição do resultado de projeto entre designer e clientes, em coparticipação, enriquecendo ambas as experiências do projetar. A coparceria é hoje compreendida como joia a ser trabalhada. Sua lapidação depende justamente das relações cotidianas entre ambos, em que o tom, o ritmo e o conteúdo são construídos a dois, mas orientados pelo profissional. A este cabe o papel de se aproximar e conseguir finalmente estabelecer uma troca autêntica – que será reconhecida no resultado final do projeto.

Inúmeros fatores determinam a construção desta parceria. A primeira delas, sem dúvida, diz respeito ao obstáculo natural que nos impede de, realmente, ouvir o outro. Ter uma **escuta atenta**, cuidadosa, é uma condição primeira para a aproximação.

Querem ver como estou certa? Quantas vezes você relatou a uma pessoa algum evento importante que você tenha experienciado recentemente e, em sucessão à sua fala, ouviu dela relato similar acontecido ou com ela própria ou com algum conhecido? Isso acontece habitualmente comigo e, sempre penso que ela não ouviu o que eu disse. Ou seja, se eu estivesse esperando “*E como você está?*” eu teria me frustrado pois meus sentimentos e sensações não teriam a menor importância. Meu relato serviu tão somente para que ela falasse de si. Isto significa empatia zero!

A nossa atenção em relação à narrativa do outro envolve não apenas escutar, mas ouvir o que ele tem a dizer. Vai além da mera percepção auditiva: envolve ir além da palavra, além do som, e alcançar nas entrelinhas do que se fala aquilo que se quer dizer. Nesta busca de alcançar e compreender o sujeito, não posso ouvi-lo com os meus princípios, pois aqui o meu ego seria o condutor. Teria que ouvi-lo de acordo e em sintonia com o seu próprio sistema de crenças e valores. Para tal, tenho que estar aberto a outros mundos e outras formas de enxergar o mundo, sempre duvidando da minha própria, e sempre achando que não só posso estar equivocada, mas que posso aprender com o outro.

A segunda questão que envolve a nossa interação com o cliente diz respeito a ir além do enxergar. Implica em **ver – e saber interpretar** o que se viu. Ter olhos isentos para ver cores antes não vistas, e ver modos de vida muito diferentes dos que estamos acostumados. Implica não nos surpreendermos com nada, registrando com naturalidade outras possibilidades de compreensão do mundo. Neste quesito, entrar na moradia do cliente é uma experiência ímpar.

A casa fala: organização, layout e cores, móveis e utensílios, adornos, comportamento, atitude dos usuários e tudo o mais presente na ambiência expressam *modus vivendi* e valores – às vezes com mais eloquência do que o discurso emitido pelas pessoas. Como não ter olhos para colher tantas informações?

Estas duas primeiras questões aqui colocadas falam de um movimento nosso em relação ao outro, uma atitude proativa para estar aberto à outra realidade. Assim também ocorre na terceira questão, quando o cuidado deve estar em nossa **fala**: como fazer com que não soe agressiva, pretenciosa ou preconceituosa com o cliente? Todo animal, diante de uma ameaça, se encolhe. Fecha-se ao recuar, ao fugir, ao paralisar. Assim com os seres humanos: qualquer indagação mal colocada fará nosso cliente passar à retaguarda. Defender-se-á contra a crítica ao seu modo de ver o mundo, o que significa o que de pior pode acontecer na relação cliente-profissional: trazer a desconfiança para o contexto. O que precisamos alcançar é justamente o modo de ver o mundo de nosso cliente. Não para perpetuá-lo, mas para compreendê-lo e até para eventualmente introduzir nele outros vieses, outras perspectivas, outros caminhos – sempre sem qualquer imposição.

Usar a linguagem do cliente é condição indispensável para tal. Por linguagem entendo aqui não apenas a linguagem verbal, mas igualmente a linguagem representada pelas atitudes e comportamentos, pela organização evidenciada em seus espaços pessoais, em seu gosto pelos materiais, equipamentos e cores. Todo objeto fala de si e tem uma linguagem, cujo significado é atribuído pelo observador, dentro de sua própria experiência e de acordo com seu contexto cultural. Conhecer linguagens e mundos é adquirir repertório para a ação projetual.

Ratifique-se, algumas qualidades devem ser estabelecidas a priori nesta relação: **a confiança** deve ser a base onde ela repousa. Tanto o profissional deve saber com quem está lidando, como o cliente deve confiar em que o que é dito é verdadeiro. Por este motivo, a transparência de postura, a clareza e completude da proposta escrita, a escuta franca e seu atendimento são aspectos a serem cultivados desde o primeiro momento. A isto, acrescente-se o esclarecimento sobre o que é o design de interiores e quais as metodologias de trabalho em curso, assim como as diferentes etapas do processo projetual e os direitos e deveres de cada uma das partes em cada momento. Apegue-se a tais critérios como pontos cruciais de sua atuação profissional. Onde não há confiança, não pode haver relação. E onde não há **responsabilidade** de ambas as partes não pode haver confiança.

Tal postura é indicativa da qualidade **profissional** de sua atuação. O ama-

dorismo é inócuo e, mais ainda, nocivo. Afinal, você é ou não um designer de interiores, com formação adequada e na qual você não se acomodou, buscando educação continuada, atualização e aperfeiçoamento permanente?

A questão relacionada à chamada RT – **reserva técnica**, prática corrente em nosso meio, merece uma atenção especial dentro do item da transparência. Para informação, a RT diz respeito ao pagamento por fornecedores e lojistas de uma comissão ao projetista pela especificação de produtos em um dado projeto. Os que defendem esta prática alegam que o trabalho de consultoria do designer em seu acompanhamento do cliente à empresa para aquisição do produto deve ser devidamente remunerado, e este seria o meio para tal. A prática suscita desconfiança, principalmente quando o cliente desconhece o fato. Como terá certeza de que aquela especificação é genuína em relação ao conceito de projeto e não uma escolha por interesse financeiro? Tal suspeita pode trazer sérios prejuízos à imagem do profissional, gerando uma descrença que contaminará todo o projeto.

A reflexão sobre este fato se baseia na ética de nossa atuação profissional e exige uma das duas posturas a este respeito: a primeira envolve abrir definitivamente mão de tal remuneração, repassando-a para o cliente que se sentirá estimulado a contratar os serviços do designer e, ao mesmo tempo, inserindo no contrato o direito à percepção de um pagamento por tal serviço. A segunda hipótese envolve o esclarecimento ao cliente da prática comercial em andamento, para que a desconfiança não se instale. De minha parte, prefiro sempre a primeira opção. Ela evita de imediato toda e qualquer suspeita, o que consolida a relação.

Eu diria ainda, para concluir este breve texto, que uma postura **ética** é, de longe, o que de melhor podemos oferecer ao nosso cliente. A ética de nossa responsabilidade social e de nossa consciência nos orienta a assumir o fato de que estamos a serviço do cliente: por isso, precisamos empreender todos os nossos esforços para responder aos seus anseios, sonhos e valores, sem esquecer o nosso compromisso com a vida e com o planeta. Este, exaurido, exige de nós a ativação da força do nosso projeto: introduzindo novas ideias, pode-se mudar a mentalidade dos usuários para que se possa criar espaços de bem-estar sem espoliar os recursos naturais - resguardando o que a natureza nos oferece de bom, para nós e para as gerações futuras.





O RESPEITO ÀS INDIVIDUALIDADES EM ESPAÇOS COLETIVOS

Trabalhar em espaços coletivos em empresas requer uma pesquisa diferenciada.

Será preciso encontrar uma solução para o bem estar do usuário conjugada com as necessidades operacionais da empresa.

O caso que vou apresentar hoje, com soluções alcançadas através de uma programação cromática é de uma clínica popular, na região do Grande Rio, Rio de Janeiro.

O setor era de ginecologia e obstetrícia, onde a maior frequência é de mulheres, geralmente acompanhadas por seus filhos menores. Esses usuários chegam muito cedo e o ambiente costuma ser tumultuado até o horário do almoço. A região é quente, o que provoca mais agitação nas crianças e impaciência nas mães.

Com o objetivo de oferecer um espaço mais agradável, que amenizasse o calor e que promovesse mais ordem e limpeza, já que no final da manhã as cadeiras estavam todas embaralhadas e cheio de lixo pelo chão, a empresa me convidou para “enfeitar” o ambiente, na esperança de que um espaço bonito os conquistasse.



Acima, a imagem simula o ambiente sem cores ou qualquer embelezamento, a não ser o novo espaço em branco, cinza e grafite, inclusive nas dezenas de cadeiras. Esse era um padrão recorrente, muitas vezes com a alegação de que “não adianta, o pessoal não cuida do espaço”. Mas finalmente o conceito estava mudando, por isso me procuraram. Foi nossa primeira experiência de trabalho juntos. (Imagem de arquivo pessoal)

Bem, em meu trabalho com as cores, observando os resultados, sempre vi resultados alegres e positivos depois de uma mudança de cores! Tanto em ambientes individuais como nos coletivos, residências ou empresas, uma programação cromática criativa sempre motivou positivamente os usuários.

Em minhas experiências, observava que todos os tipos de usuários eram sensíveis às mudanças de cores nos ambientes, aprovando ou não o novo padrão, havia envolvimento.

Geralmente os casos de não-aprovação das mudanças se davam quando o usuário não era consultado ou atendido, como por exemplo mães que programavam as mudanças de surpresa, sem consultar seus filhos, esposas que transformavam seus quartos sem consultar seus esposos, ou mesmo chefes, que redecoravam os escritórios sem consultar ou avaliar as verdadeiras necessidades do grupo. Como profissional, sempre busquei colher essas informações, mesmo indiretamente, quando havia um intermediário. E só digo que valeu à pena, pois nunca recebi rejeições em meus projetos. No máximo ajustes, que poderiam ter sido evitados se o verdadeiro usuário estivesse participando.

O uso de cores nos ambientes é uma das maiores interferências que podemos promover no bem estar e, conseqüentemente, no comportamento dos usuários.

Cor é mensagem e, ter a interferência de uma mensagem minimamente divergente com o seu humor ou estado de espírito pode ser algo insuportável. Mas engana-se quem acredita que optando por cores neutras e inexpressivas seja mais seguro! O padrão neutro pode gerar mais desconforto e ansiedade a um usuário do que a sua cor preferida, por mais impactante que esta possa ser.

No caso de nossa clínica popular, optei por oferecer uma composição de três cores alegres e simples, quase infantis (como cores primárias e secundárias: azul hortênsia, verde limão e laranja). Fiz um painel colorido, brincando com as cores desse conjunto também nas estruturas metálicas, colunas, calhas, portas e qualquer outro detalhe delicado, sem deixar que isto poluísse visualmente o ambiente. Precisamos saber a hora de parar!



Nas superfícies que eu deixaria lisas, como a parede com o balcão de atendimento, optei pelo azul, que era a cor mais calmante e refrescante e, que estaria associada às relações com os atendentes. Além disso, por ser a parede onde as pessoas se encostam muito para conversarem com os funcionários, a manutenção se torna mais frequente e a parede lisa facilita isso.

Ao criar o painel colorido, optei por poucas figuras geométricas, porém grandes, que considero elementos neutros e também simples e, que por serem grandes, não tumultuariam a mente e trariam mais tranquilidade. Além disso, ao pesquisar o público frequentador da clínica, descobri que ele era formado majoritariamente por religiosos que rejeitam símbolos que poderiam ser associados a misticismos. Daí a opção por uma programação visual apenas com elementos geométricos, que são neutros.

O maior susto que provoque na administração foi quando sugeri as cadeiras brancas!

Eles argumentaram que havia muita criança, que iam sujá-las mais fácil, que ia dar mais trabalho para a equipe de limpeza. Mas nisso eu estava convicta.

Minha contra argumentação foi de que a cor branca usada em detalhes se destaca e inspira cuidado e respeito, ordem e organização. Eu tinha a certeza de que as cadeiras brancas naquele espaço agora super colorido e decorado, traria uma elegância que contagiaria os usuários, mesmo as crianças. Eles relutaram, mas compraram minha sugestão, respeitando minha intuição.

E não deu outra! Uns três meses depois voltei para ver os resultados. Cheguei por volta da hora do almoço, que era o momento crítico, final dos atendimentos.

O diretor da clínica e outros funcionários que participaram da obra “inovadora” para o local, me chamaram: “- Bete, vem ver o que você provocou!”. Cheguei a me assustar. Mas quando cheguei lá, diferentemente do caos que havia visto na primeira visita, as cadeiras brancas estavam absolutamente organizadas em seus lugares e, não havia copos plásticos nem os habituais “sacos rosa choque” de pipocas que se via normalmente espalhados por todo o ambiente. As lixeiras estavam sendo devida e educadamente usadas!

Enfim, a beleza das cores, as cores bem estudadas de acordo com o perfil

do usuário e o poder do branco “educador” tinham dado super certo!



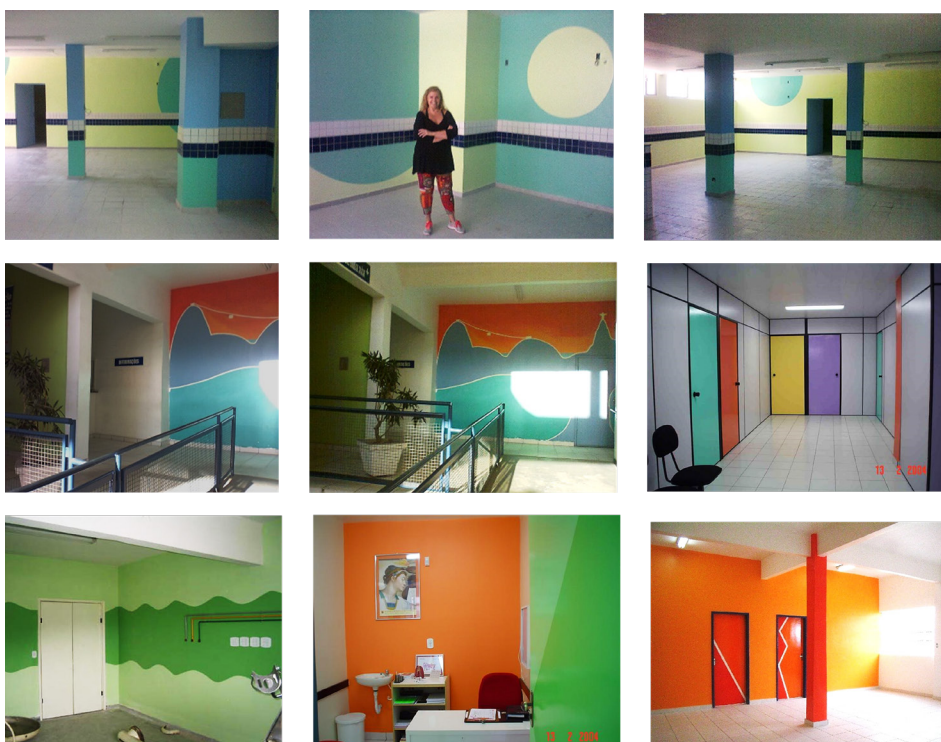
Imagem real do ambiente em minha visita, três meses após a inauguração.
(Imagem de arquivo pessoal)

Depois disso e de tanta aprovação dos usuários e do cliente, demos continuidade a uma parceria de mais de 20 anos a todas as clínicas, muitas especialidades novas, hospitais, asilos, igrejas e escritórios, onde eu sequer podia tentar atualizar a decoração, pois os usuários rejeitavam qualquer inovação!

Em regiões populares, até que se mude a cultura, não se mexe no padrão!

Toda pesquisa de cores e decoração para ambientes coletivos precisa ir fundo no padrão cultural do seu usuário. Isso é uma questão de respeito ao seu estilo, ao que lhe dá prazer e que o representa. Isso lhe dá conforto, sensação de identificação e pertencimento.

E um bom projeto só é bom quando é bom para todos.







DESENVOLVA AS SUAS INDIVIDUALIDADES E “PLUS ULTRA”!



Há alguns anos atrás, meu filho, na época com uns 12 anos de idade, me apresentou um anime (desenho animado japonês, para os que não conhecem a denominação), originário de um mangá (desenho em quadrinhos japoneses, para os que não conhecem a denominação) chamado *Boku No Hero – My Hero Academy* ou, simplesmente, Academia de Heróis. Foi um dos primeiros animes que assistimos juntos.

Neste momento você pode estar se perguntando: “o que um anime tem a ver com um caso, relacionado a individualidades”?

Simples...a trama acontece em um contexto cujo foco está nas individualidades e na potencialização das capacidades e habilidades inerentes a cada indivíduo, que podem ser, plenamente, associadas ao nosso cotidiano e, não só à nossa, mas a qualquer outra profissão ou ação do humano.

Mas vamos refletir, primeiro, sobre o que são individualidades, para entender melhor o roteiro proposto pelos desenvolvedores e a relação do anime com o cotidiano, no que tange as relações entre as pessoas.

Individualidades estão relacionadas às características e qualidades singulares de cada indivíduo, que o distingue de outras pessoas. Tem direta cone-

xão com personalidade, talentos, crenças, valores e experiências pessoais. Abrange uma multiplicidade de aspectos, incluindo caracteres físicos, psicológicos e até espirituais, implicando também nas questões emocionais e comportamentais.

Nossas experiências moldam nossa identidade e afetam a maneira como nos relacionamos com os outros. Cada pessoa possui sua própria combinação de atributos, habilidades, competências, características gerais e específicas que a tornam única, mas não a desanexa do todo.

Importante destacar que a individualidade não implica em isolamento ou autossuficiência completa. Embora cada pessoa seja única, todos nós também compartilhamos elementos comuns e fazemos parte de comunidades e sociedades. A individualidade não é incompatível com a colaboração, a compaixão ou a solidariedade. Ao contrário, uma diversidade de individualidades enriquece a sociedade, proporcionando oportunidades, aprendizados, multiplicidade de experiências e desenvolvimento.

A individualidade é uma parte essencial da identidade de uma pessoa e desempenha um papel importante na formação de relacionamentos, na busca das relações interpessoais, nas atividades profissionais e no desenvolvimento de um senso de autoestima e autoconhecimento. Respeitar e valorizar a individualidade de cada pessoa é fundamental para promover a diversidade, a inclusão e a compreensão mútua na sociedade.

É um conceito fundamental para compreender a essência humana e a complexidade da sociedade, considerando o indivíduo como ser constituinte da mesma, em convívio, em comum união.

Respeitar e defender a individualidade é essencial para uma sociedade inclusiva e harmoniosa. Reconhecer e celebrar a diferença entre as pessoas nos permite construir relacionamentos mais empáticos, promover a igualdade de oportunidades e fortalecer o tecido social como um todo.

Alguns indivíduos são extrovertidos, outros introvertidos; alguns são mais inspirados à criatividade, enquanto outros têm habilidades analíticas mais desenvolvidas. Essas diferenças moldam a maneira como cada pessoa percebe o mundo à sua volta e como se relaciona com ele, incluindo tudo e todos que o compõem.

Estes fatores, por exemplo, são agentes determinantes na tomada de decisão por qual carreira seguir, qual profissão o indivíduo irá exercer, quem eleger para se relacionar, o que consome, entre tantas outras escolhas.

Entre estas escolhas, considerando o livre arbítrio, cabe aqui referenciar as virtudes, qualidades de cunho moral, atributos positivos dos indivíduos, altruís-

mo, atuação constante na prática do bem. Há aplicabilidade do termo à força, paciência, coragem, o poder de ação e reação, a situações onde há vulnerabilidade de outrem.

E faço aqui um adendo: quantas pessoas, em suas profissões ou não, se encaixam no perfil de heróis do cotidiano, quando postos em prática seus atributos virtuosos?

Virtude é um conceito que remete a conduta do ser humano, quando existe uma adaptação perfeita entre os princípios morais e a vontade humana inerente, também, à construção da individualidade de cada pessoa.

Pode ser definida como intelectual, ligada à inteligência, e às virtudes morais, que são relacionadas com o bem.

A virtude intelectual consiste na capacidade de aprender com o diálogo e a reflexão em busca do verdadeiro conhecimento, que vem de processos de formação educacional. A virtude moral, por sua vez, é a ação ou comportamento moral, é o hábito que é considerado bom de acordo com a ética e advém da construção social.

Além disso, a individualidade se manifesta nas habilidades, talentos e emoções de cada pessoa. Alguns têm talento para as artes, outros para esportes, matemática, escrita ou outras áreas específicas. Essas habilidades e talentos únicos criam a diversidade de talentos e perspectivas variáveis de atuação em nossa sociedade.

A individualidade também é formada pelas experiências de vida, positivas ou negativas, de cada indivíduo, a partir de nossa origem, moldando valores e perspectivas, dentro do universo subjetivo de cada um.

A subjetividade é aspecto constituinte da individualidade, pois refere-se às experiências individuais e únicas de cada pessoa em relação ao mundo ao seu redor. É a maneira como cada indivíduo percebe, interpreta e atribui significado às experiências, emoções, pensamentos e eventos que vivenciam.

Cada pessoa tem uma visão de mundo única, baseada em sua própria subjetividade. Isso significa que diferentes pessoas podem interpretar o mesmo evento de maneiras distintas, de acordo com suas experiências e pontos de vista individuais.

A subjetividade também influencia a forma como cada pessoa se percebe e constrói sua identidade. Nossas experiências subjetivas constituem nossos sentimentos de autoestima, autoimagem e autoconceito. Ela afeta como nos vemos, como nos relacionamos com os outros e como nos posicionamos no mundo.

No entanto, é essencial considerar que a subjetividade também pode nos

limitar às nossas visões particulares. Nossas experiências e conceitos subjetivos podem nos levar a interpretações tendenciosas e distorcidas da realidade. Portanto, é imprescindível manter a mente aberta, buscar diferentes panoramas e estar disposto a considerar outras formas de ver o mundo.

Considerando sermos, cada um de nós, seres sociais e, à princípio, sociáveis e socializáveis, passíveis de potencialização de nossas individualidades constituídas pela subjetividade e enriquecidas pelas virtudes, por que não nos construirmos como heróis, sem mutações, sem poderes extraordinários ou extraterrenos, dentro do mundo que nos cerca, seja em nosso trabalho ou na comunidade?

No mundo fictício da série “Boku No Hero Academia” (também conhecido como “*My Hero Academy*”), cujo conceito central da narrativa é a individualidade, quase todas as pessoas nascem com um poder especial, chamado “*quirk*” (exceto por uma pequena parcela da população sem habilidades). Essas peculiaridades são a manifestação física das individualidades de cada personagem.

Cada personagem possui uma individualidade especial e única, que varia de acordo com suas habilidades e características pessoais. Por exemplo, o personagem principal, Izuku Midoriya, nasceu inicialmente sem uma individualidade mas, mais tarde, adquiriu o “*One For All*”, uma peculiaridade poderosa que permite a ele amplificar sua força física.

As individualidades dos personagens na série são as mais diversas possíveis. Alguns têm individualidades ofensivas, como explosões de fogo, manipulação de gelo, superforça, entre outras. Outros possuem individualidades de suporte, como cura, criação de escudos, habilidades de rastreamento, entre outras. Cada personagem usa sua individualidade de maneira única, de acordo com sua personalidade e estilo de luta.

As individualidades, em “Boku No Hero Academia”, são apresentadas como elemento fundamental para inserção social, passível de aprimoramento e inerente à auto descoberta e desenvolvimento pessoal. Alguns personagens enfrentam desafios para entender e controlar suas individualidades, enquanto outros têm dificuldade em aceitar suas próprias limitações ou em encontrar um propósito para suas habilidades. O que, diga-se de passagem, acontece entre nós no mundo real, (não) simbólico, onde muitos super ou subestimam seus potenciais, com dificuldades para controlá-los, aplicá-los ou ampliá-los.

Além disso, a série também aborda questões éticas relacionadas às individualidades. A posse de poderes especiais pode levar ao abuso e ao uso inadequado dessas habilidades, assim como à percepção e ao preconceito contra pessoas com individualidades consideradas “menos úteis” pela sociedade. A

luta contra o crime e a formação de heróis são maneiras de canalizar as individualidades para o bem comum e proteger as pessoas.

Sendo assim, não seria absurda uma analogia com atividades entendidas como as que, de fato, ou explicitamente, tem por objetivo salvar vidas (médicos, bombeiros e policiais, por exemplo). Fora destas, alguns entendem como “menos úteis” aqueles que não estão, explicitamente, no contexto de salvar vidas. Mas por que não considerar que todos têm sua parcela de contribuição na preservação da vida do outro, em busca do bem comum?

No geral, a individualidade em “*Boku No Hero Academia*” é um elemento fundamental da trama, determinando a identidade dos personagens e explorando temas relacionados ao poder, responsabilidade e aceitação de si mesmo.

Aqui, me permito um novo adendo: acredito que você já tenha percebido o quão pertencente à (nossa) realidade tudo isso, até então aqui descrito, parece ser. Com exceção do caráter fantasioso da trama do anime, todos nós vivemos, vivenciamos e presenciamos o relatado nesta narrativa, nos permitindo fazer uma delimitada analogia comparativa com nosso cotidiano.

A partir deste pensamento, pontuo algumas relações mais diretas com o afirmado no parágrafo anterior.

A individualidade de Izuku Midoriya, o protagonista de “*Boku No Hero Academia*”, é conhecida como “*One For All*”. No início da história, Midoriya nasceu sem uma individualidade, o que o tornou uma exceção em um mundo em que quase todos têm uma peculiaridade.

Permita-se, neste momento, recordar-se de momentos de aprendizado, onde se fez necessária a construção do conhecimento sobre algo, fundamental para a vida e até para a sobrevivência.

Nascemos, por exemplo, sem as individualidades plenas, necessárias para uma atuação profissional e até mesmo social. Passamos por um processo de letramento, de formação e até por uma espécie de adestramento social. À medida que vamos nos desenvolvendo podemos otimizar as individualidades, ampliar nossos poderes, ou não.

No mundo contemporâneo ou moderno, como alguns preferem chamar, quem não tem individualidades potencializadas ou uma peculiaridade que se sobressaia entre tantos seres comuns, não atingirá seu sucesso. O poder é perseguido, por muitos, enquanto ambição, inclusive nociva. Não ponderarei as questões relativas à constituição de vilões sociais.

A individualidade “*One For All*” é uma peculiaridade extremamente poderosa que pode ser passada de uma pessoa para outra. Ela acumula a energia

em seus portadores, concedendo força, velocidade e resistência aprimoradas. Além disso, a individualidade permite que Midoriya libere poderosos golpes de impacto, utilizando toda a energia acumulada.

Um outro personagem, chamado “*All Might*” reconheceu atributos virtuosos no menino sem individualidades, Izuku Midoriya, e fez dele seu discípulo, passando, gradativamente, seu poder a ele. Este é um exemplo, guardadas as devidas proporções, de formação, construção de um indivíduo, com base nas individualidades de um tutor, professor, orientador, como queiram.

A individualidade de Midoriya é um símbolo de esperança e superação pessoal na história. No entanto, seu caminho para dominar e controlar plenamente essa individualidade é desafiador. No início, Midoriya não pôde usar todo o poder de “*One For All*” devido à sua falta de controle e treinamento insuficiente. Com o tempo, ele aprende a aprimorar sua individualidade por meio de treinamento rigoroso e orientação de seus professores e mentores.

Em vários momentos de nossa vida temos oportunidade de nos constituirmos como heróis sem poderes, como escrito antes, extraordinários ou extraterrenos, apenas nos permitindo receber os “poderes” daqueles que percebem nossa capacidade, como receptáculo de saberes e fazeres, ou que colocam à disposição suas individualidades para que possam ser absorvidas, expandidas e potencializadas, à medida que vamos nos desenvolvendo e, literalmente, crescendo como indivíduos sociais.

A individualidade de Midoriya também é única porque ele possui uma personalidade altruísta e um forte senso de justiça. Ele se esforça para usar seu poder para proteger os outros e se tornar um verdadeiro herói. Através de sua jornada, Midoriya mostra que a individualidade não se limita apenas ao poder, mas também envolve a maneira como ela é usada para impactar positivamente a sociedade.

A trajetória de Midoriya destaca a importância do desenvolvimento pessoal, superação de desafios e a busca por um propósito maior para aplicação de suas habilidades. Sua história inspira os espectadores a acreditarem em si mesmos, perseguir seus sonhos e lutar pelo que acredita, mesmo quando enfrenta obstáculos aparentemente insuperáveis.

Diante do exposto, podemos realizar uma outra analogia direta com o desenvolvimento de individualidades ou da potencialização destas, em comparação às profissões. No entanto, o recorte aqui se dará em referência ao design de interiores e ao designer de interiores.

Mas, neste momento você se pergunta: ah...vai dizer que designer de interiores é herói?

Me permito dizer que sim, usando uma expressão que ouvi um dia, como profissional: *“que bom que decidimos por lhe contratar! Você salvará nosso casamento!”*

Este foi um dos momentos em que eu tive certeza de nossa responsabilidade como profissionais da área. Muitos esperam de nós soluções que salvam a vida de um indivíduo, de um casal, de uma família, de um empresário, de um profissional autônomo, entre tantos outros que precisam eliminar de seus ambientes doentes tudo aquilo que perturba a paz, a saúde e a segurança, dos que alí habitam ou transitam.

A individualidade do designer de interiores é um aspecto fundamental da sua prática profissional. Cada designer possui uma visão única, interativa e analítica para o desenvolvimento dos projetos de design de interiores. É construído por suas experiências de vida, viagens, educação, influências culturais e artísticas, que transcendem sua formação. Essas experiências únicas e influências pessoais são refletidas no seu trabalho, trazendo perspectivas distintas e soluções criativas para os projetos que assumem.

Cada designer de interiores tem uma abordagem criativa singular para enfrentar os desafios e solucionar problemas de design, mas sem desprezar a pluralidade de elementos pertencentes ao processo. Eles podem ter um talento especial para combinar cores de forma harmoniosa, criar layouts funcionais e inovadores, ou usar materiais e texturas de maneira única e técnica. Essa abordagem criativa é uma parte essencial da individualidade do designer e ajuda a definir seu trabalho.

Cada designer de interiores desenvolve seu próprio poder de abordagem de trabalho, propiciando uma sensibilidade especial para compreender as necessidades, desejos e estilo de vida de seus clientes. Essa capacidade de se conectar com os clientes de forma empática e criar espaços que reflitam sua personalidade e identidade é uma parte importante da individualidade do designer.

Os clientes, não necessariamente, são seres sem individualidades, neste caso, condicionando o conceito aos “poderes” como no anime. Os designers de interiores, consideram o projeto como uma missão a ser realizada em equipe, que inclui o cliente e suas potencialidades, além daqueles que são os “heróis” da execução, da reforma, da construção e da obra em si.

Em design de interiores, a individualidade do cliente refere-se à expressão única da personalidade e estilo de vida de um indivíduo através do ambiente em que ele vive ou trabalha. Trata-se de criar espaços que reflitam as emoções, interesses e necessidades específicas de cada um, criadas em ambien-

tes personalizados e exclusivos.

A individualidade dos usuários dos espaços, em design de interiores, é alcançada por meio de uma série de elementos e escolhas que refletem a identidade dos mesmos. Isso pode incluir a seleção de cores, texturas, móveis, acessórios, obras de arte e outros elementos decorativos que se alinham com o gosto pessoal e a estética desejada.

A primeira etapa para alcançar a individualidade em design de interiores é compreender o cliente e suas necessidades. Os designers devem realizar uma análise aprofundada do estilo de vida, emoções, aspirações do cliente, inclusive particularidades como hobbies e até comportamentos atípicos, entre outros, a fim de criar um espaço que atenda às suas expectativas e reflita sua personalidade.

A escolha dos móveis também desempenha um papel importante na subjetividade do projeto de design de interiores. Cada peça de móvel deve ser selecionada com base nas necessidades e gostos pessoais do cliente, equilibrando o conforto, a estética e a funcionalidade. Móveis personalizados ou peças únicas também podem ser incorporados para adicionar um toque exclusivo ao espaço.

É importante destacar que design de interiores não trata apenas de seguir tendências ou estilos populares, mas de criar espaços que sejam uma extensão do cliente. É sobre capturar a essência de quem habita o espaço e transformá-lo em um ambiente que seja esteticamente agradável e funcional.

O fortalecimento do conhecimento, via teorias aliadas às práticas, em formações nas diversas áreas do design e em outras áreas, para otimização da multidisciplinaridade e multiprofissionalidade, amplia a expertise e o poder do designer para resolver problemas mais complexos e salvar mais espaços e vidas.

A busca por conhecimento e informação não deve estar limitada aos conteúdos específicos, técnicos, íntimos do design de interiores, livros ou artigos científicos, mas sim, em tudo aquilo que está relacionado ao humano, ao cotidiano, aos modos de vida, de ver o mundo e de “co viver” no mundo.

O universo do entretenimento tem muito a nos ensinar, também. Nestes tempos em que vivemos, filmes, séries e animações, por exemplo, guardam muitas informações sobre as chamadas coisas da vida, seja de forma documental, verídica, baseadas em fatos reais, fictícia ou lúdica, mas sempre despertando um pensamento crítico, estimulando a criatividade, interação sobre questões comportamentais, entre tantas outras coisas, servindo, portanto, como contributo à construção do ser social e do ser profissional. Abster-se da

prática desta categoria de lazer, sem entendê-lo como fonte de informação, conhecimento e desenvolvimento, é um equívoco.

Bem...já ficou claro para você, que você tem um poder, uma individualidade especial, que te torna uma pessoa capaz de mudar e até salvar vidas, não importa qual seja seu meio social, sua formação ou sua profissão. E, caso não tenha individualidade que lhe estabeleça algum tipo de poder específico, suas virtudes lhe permitirão desenvolvê-lo. Permita-se desenvolver ou adquirir poderes para transformar o mundo inteiro ou, no mínimo, o que te cerca, com a ajuda de alguém que possa ser seu tutor, seu orientador, seu professor, seu mestre, seu treinador, constantemente, sempre se atualizando.

Em *Boku no Hero*, é utilizada a expressão “*Plus Ultra*”, um lema que simboliza a determinação dos heróis em ir além de seus limites e superar os desafios. É uma expressão de sua vontade de alcançar grandeza e fazer a diferença no mundo. E por que não adotar esta determinação?

Portanto, avante! Força! Voe alto! Siga em frente! Seja bom! Seja do bem! Seja herói! “*Plus Ultra*”!







CELEBRANDO AS INDIVIDUALIDADES.

Na busca por um ambiente acolhedor e funcional, o design de interiores desempenha um papel crucial na área da saúde. No entanto, é essencial reconhecer que cada paciente é único e possui necessidades e preferências individuais. Nesta coluna, exploraremos a importância de considerar as individualidades dos pacientes ao projetar espaços de saúde, destacando como o design personalizado pode impactar positivamente a experiência dos pacientes e promover um ambiente curativo.

O designer de interiores desempenha um papel fundamental na promoção desse ambiente curativo. O design de interiores é uma arte que vai além da estética e da funcionalidade. É também uma forma de expressão pessoal e um reflexo das individualidades de cada cliente. Neste texto, exploraremos como os designers de interiores podem garantir a individualidade dos clientes em seus projetos, criando espaços únicos e personalizados que atendam às suas necessidades, gostos e estilo de vida.

Diante disso é essencial entender o significado e a importância das individualidades para garantir que um projeto de interiores possa atender e respeitar as demandas individuais de cada usuário, mesmo em um contexto de projeto coletivo (como hospitais, clínicas, espaços de cura, entre outros).

Individualidades referem-se às características, preferências e necessidades únicas de cada paciente ou usuário de um espaço de saúde. Cada pessoa é singular, com experiências de vida, gostos, limitações físicas e emocionais que devem ser levadas em consideração ao projetar um ambiente curativo.

Vale reforçar que em espaços de saúde, é crucial reconhecer que não há uma abordagem que funcione para todos. Cada usuário possui suas próprias

necessidades e desejos específicos, e o design de interiores deve se adaptar para atender a essas individualidades. Isso implica compreender os diferentes aspectos que tornam cada pessoa única, como sua cultura, estilo de vida, condições médicas e preferências estéticas.

As pessoas são ímpares e podem ter necessidades diferentes em relação ao ambiente em que estão inseridas e é papel do designer de interiores observar essas demandas para a criação de ambientes seguros e saudáveis nos espaços de saúde. As individualidades podem se manifestar de várias maneiras. Por exemplo, um paciente pode ter preferências específicas em relação às cores utilizadas no ambiente, com base em suas experiências pessoais ou em seu estado emocional.

Outro paciente pode ter limitações físicas e precisar de um espaço adaptado para suas necessidades de mobilidade. Além disso, os pacientes podem ter preferências por certos materiais, texturas ou até mesmo elementos decorativos que lhes proporcionem conforto e segurança durante sua estadia em um espaço de saúde.

Ao selecionar materiais resistentes e fáceis de limpar, garantir uma iluminação adequada e proporcionar uma sinalização clara, os designers contribuem para a prevenção de acidentes e a promoção da segurança.

A escolha de materiais adequados é crucial para garantir a durabilidade e a facilidade de limpeza dos espaços de saúde. Superfícies resistentes a manchas e agentes químicos são essenciais para manter a higiene e prevenir a propagação de doenças. Além disso, a seleção de materiais não porosos e de fácil manutenção contribui para a redução do risco de infecções hospitalares.

A disposição dos móveis e equipamentos também é um fator importante a ser considerado. Os designers devem criar fluxos de circulação eficientes, garantindo que os espaços sejam organizados de forma a minimizar os riscos de acidentes. A consideração da ergonomia na escolha do mobiliário e a criação de áreas de trabalho bem projetadas contribuem para a segurança e o conforto dos profissionais de saúde.

Ao projetar espaços de saúde que levem em consideração as individualidades, os designers de interiores estão criando ambientes que promovem o bem-estar, a recuperação e a sensação de acolhimento. A personalização dos espaços, por meio da escolha cuidadosa de cores, materiais, mobiliário e iluminação, permite que os pacientes se sintam mais confortáveis e engajados em seu processo de cura.

Para garantir a individualidade em um projeto de design de interiores, é essencial que o designer dedique tempo para compreender as necessidades e

desejos específicos do cliente. Realizar entrevistas detalhadas, questionários e conversas abertas ajuda a estabelecer um diálogo franco e a identificar as preferências individuais em relação ao estilo, cores, materiais e funcionalidade desejada para o espaço.

Aqui estão algumas maneiras pelas quais os designers podem identificar as necessidades dos usuários:

Entrevistas e questionários	Observação e análise do ambiente	Colaboração com equipes de saúde	Avaliação das limitações físicas e condições médicas	Sensibilidade cultural e emocional
Realizar entrevistas individuais com os usuários ou aplicar questionários pode ajudar a obter informações valiosas sobre suas preferências, necessidades e restrições.	Observar o comportamento dos usuários nos espaços existentes e como interagem com o ambiente pode fornecer informações sobre suas necessidades.	Trabalhar em estreita colaboração com profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros e terapeutas, é essencial, para identificar as necessidades médicas e emocionais dos pacientes.	Considerar as limitações físicas e condições médicas dos usuários, o que pode envolver a compreensão de questões de mobilidade, acessibilidade e ergonomia.	Cada paciente traz consigo sua própria bagagem cultural e emocional. É importante ser sensível a esses aspectos e considerá-los ao projetar espaços de saúde.
Perguntas sobre suas rotinas, gostos, hobbies e qualquer condição médica ou limitação física podem ajudar a obter insights relevantes para o projeto.	Essas observações podem ajudar a identificar áreas de melhoria e adaptações necessárias.	Compartilhar informações e insights com eles pode ajudar a obter uma compreensão abrangente das necessidades dos pacientes.	Consultar especialistas nessas áreas, como fisioterapeutas ou consultores de acessibilidade, pode fornecer informações valiosas para o design adequado dos espaços.	Compreender as tradições, crenças e preferências culturais dos pacientes pode ajudar a criar um ambiente acolhedor e respeitoso.

Tabela 1: Fonte: o autor.

Após compreender as necessidades do cliente, o designer deve realizar uma pesquisa aprofundada, buscando referências, tendências e soluções criativas que possam ser aplicadas ao projeto. É importante envolver o cliente nessa etapa, compartilhando inspirações e ideias, de forma a garantir que o resultado seja verdadeiramente personalizado e único. Incluir o cliente em reuniões de concepção, apresentar opções e discutir alternativas estimula a colaboração e permite que suas individualidades sejam refletidas no projeto. Essa abordagem colaborativa também fortalece o senso de propriedade do cliente em relação ao espaço final.

Como respeito à individualidade e exclusividade (esse aspecto também deve ser compreendido como necessidade do cliente), pequenos detalhes podem fazer toda a diferença quando se trata de garantir a individualidade em

um projeto de design de interiores. O uso de elementos personalizados, como obras de arte, fotografias, objetos de valor sentimental ou itens colecionáveis, acrescenta um toque único ao espaço. Além disso, o designer pode considerar a incorporação de soluções personalizadas, como móveis sob medida, estofamentos exclusivos ou até mesmo uma paleta de cores específica que ressoe com a personalidade do cliente.

É importante compreender que cada cliente é único e que pode mudar suas preferências ao longo do tempo. Isso traz uma observação onde é essencial que o designer esteja aberto à flexibilidade e adaptação durante o processo de criação. Estar disposto a fazer ajustes e modificações conforme as necessidades do cliente evoluem é fundamental para garantir que o projeto seja verdadeiramente personalizado e atenda às expectativas individuais.

Além disso, a consideração das individualidades também envolve a inclusão e a acessibilidade. Os espaços de saúde devem ser projetados levando em conta as necessidades de todos os usuários, independentemente de suas limitações físicas, cognitivas ou sensoriais. Isso pode envolver a incorporação de recursos como rampas, corredores amplos, sinalização clara, mobiliário adaptado e tecnologia assistiva.

O designer de interiores deve estar atento a diversas demandas individuais dos pacientes, visando criar um ambiente que atenda às suas necessidades específicas. É possível destacar algumas demandas que, apesar de serem individuais, são comuns nos usuários desses espaços, são elas:

Acessibilidade: Os pacientes podem ter diferentes limitações físicas e mobilidade reduzida. É importante projetar espaços que sejam acessíveis para cadeiras de rodas, com corredores amplos, rampas adequadas, portas de fácil abertura e banheiros adaptados. A inclusão de recursos como barras de apoio e elevadores também pode ser necessária para garantir a acessibilidade a todos.

Privacidade: Muitos pacientes valorizam a privacidade durante sua estadia em espaços de saúde. É importante projetar áreas que ofereçam privacidade adequada, seja por meio da disposição de divisórias, cortinas ou até mesmo quartos individuais, dependendo do tipo de instalação de saúde.

Conforto emocional: O ambiente de saúde pode ser estressante para os pacientes. O designer de interiores deve criar um ambiente acolhedor e reconfortante, considerando fatores como cores suaves, iluminação adequada, uso

de elementos naturais, como plantas, e a integração de espaços de descanso e áreas de relaxamento.

Segurança: Essa é uma preocupação primordial em espaços de saúde. Os designers devem considerar a disposição do mobiliário e equipamentos para evitar riscos de acidentes, bem como selecionar materiais resistentes e fáceis de limpar. A iluminação adequada e sinalização clara também são essenciais para garantir a segurança dos pacientes.

Diversidade cultural: O Brasil é um país plural, então é comum que os usuários tenham diferentes origens culturais e étnicas. É importante considerar essa diversidade ao projetar espaços de saúde, respeitando tradições culturais, crenças religiosas e práticas específicas. Isso pode envolver a criação de áreas de oração, adaptação de espaços para acomodar necessidades alimentares específicas e a inclusão de elementos que reflitam a diversidade cultural.

Ao abordar essas demandas individuais, o designer de interiores pode criar um ambiente de saúde que seja acolhedor, seguro e que promova o bem-estar dos pacientes. É importante lembrar que a comunicação contínua com os pacientes, profissionais de saúde e equipes multidisciplinares é fundamental para identificar e atender adequadamente essas demandas individuais.

Uma das principais estratégias em projetos dessa área é o feedback contínuo que permite que o designer ajuste e refine sua abordagem para atender às necessidades e expectativas dos clientes.

É por meio desse feedback que o designer pode compreender as preferências específicas do cliente em relação ao estilo, cores, materiais e elementos decorativos, criando um ambiente que reflita sua personalidade e gosto.

Além de que é possível identificar as oportunidades de fazer ajustes e melhorias ao projeto. Os clientes podem fornecer insights valiosos sobre elementos que gostam ou não gostam, identificar áreas problemáticas ou sugerir mudanças que aprimorem o resultado. Com base nessas informações, o designer pode refinar e aperfeiçoar o projeto, garantindo que esteja alinhado com as expectativas do cliente.

Esse feedback também é essencial para identificar e resolver problemas que possam surgir durante o processo de design. Ao compartilhar atualizações e obter o feedback do cliente, o designer pode identificar preocupações e trabalhar em conjunto com o cliente para encontrar soluções adequadas. Dessa forma, é possível evitar surpresas desagradáveis e garantir que o projeto pros-

siga de acordo com o esperado.

Isso tudo irá fortalecer a relação entre o cliente e o designer de interiores. Ao envolver ativamente os clientes no processo de design, mostrando que suas opiniões são valorizadas e consideradas, cria-se um ambiente de colaboração e confiança. Isso resulta em uma experiência mais satisfatória para o cliente e maior probabilidade de recomendação e parceria futura. O resultado é um projeto final que atende às necessidades e desejos do cliente, proporcionando uma experiência positiva e satisfatória.

O design de interiores na área da saúde evoluiu para reconhecer e celebrar as individualidades dos pacientes. A personalização de espaços promove a sensação de acolhimento, bem-estar e recuperação. Ao considerar as necessidades e preferências individuais, o design de interiores pode contribuir para uma experiência mais humanizada e positiva na área da saúde. Que cada projeto seja um reflexo da singularidade de cada paciente, promovendo a cura em todos os sentidos.

A individualidade é o cerne de um projeto de design de interiores personalizado e bem-sucedido. Ao compreender as necessidades do cliente, realizar pesquisas aprofundadas, promover a colaboração, prestar atenção aos detalhes e estar aberto à flexibilidade, o designer de interiores pode garantir que cada projeto seja uma expressão autêntica da individualidade de seu cliente. Criar espaços únicos e personalizados não apenas satisfaz as expectativas

Em suma, os designers de interiores têm a capacidade de criar espaços que. Ao considerar cuidadosamente a seleção de cores, materiais, iluminação, fluxo, presença da natureza, controle de ruído e privacidade, eles

O designer de interiores desempenha um papel fundamental na promoção de um ambiente curativo (que promovem a cura física e emocional) por meio de diversas estratégias, principalmente através de uma abordagem centrada no bem-estar, que promovam a melhor experiência dos pacientes nos espaços de saúde e principalmente respeitando a individualidade de cada um.





SUSTENTABILIDADE COMO CONCEITO APLICADO A INDIVIDUALIDADE.



Figura 1: Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/sustentabilidade.htm>

A sustentabilidade é um conceito que tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade atual. No entanto, é importante entender que a sustentabilidade não é apenas uma tendência passageira, mas sim um conceito que deve ser incorporado em todas as áreas da vida. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2019, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a sustentabilidade é definida como “o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capaci-

dade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades”. Ou seja, a sustentabilidade não se trata apenas de preservar o meio ambiente, mas também de garantir a justiça social e a equidade econômica. É um conceito que envolve ações e decisões que visam a longevidade e a qualidade de vida das pessoas e do planeta.

Para entender melhor a importância da sustentabilidade como conceito, é preciso analisar as consequências da falta de sustentabilidade. A degradação ambiental, a desigualdade social e a instabilidade econômica são alguns dos resultados da falta de ações sustentáveis. Além disso, a sustentabilidade também está diretamente relacionada com a saúde humana. A poluição do ar, da água e do solo pode causar doenças respiratórias, gastrointestinais e até mesmo câncer. No livro “Sustentabilidade: o que é – o que não é”, o autor Leonardo Boff (2016), destaca a importância da sustentabilidade como um novo paradigma civilizatório. Segundo ele, a sustentabilidade não é apenas uma questão ambiental, mas sim uma questão ética e política. Boff (2016) defende que a sustentabilidade deve ser incorporada em todas as áreas da vida, desde a economia até a cultura. É preciso repensar a forma como vivemos e nos relacionamos com o mundo, buscando alternativas mais sustentáveis e justas.

Outro autor que aborda a sustentabilidade como um conceito fundamental é o economista indiano Amartya Sen. Em seu livro “Desenvolvimento como Liberdade” (2010), Sen defende que a sustentabilidade é um dos pilares do desenvolvimento humano. Para Sen (2010), o desenvolvimento humano não se resume apenas ao crescimento econômico, mas sim à promoção da liberdade e da justiça social. Por isso, é fundamental que a sustentabilidade seja incorporada em todas as áreas da vida, desde a produção de alimentos até a construção de edifícios. É preciso repensar a forma como consumimos e produzimos, buscando alternativas mais sustentáveis e responsáveis.



Figura 2: Fonte: <https://cte.com.br/blog/sustentabilidade/sustentabilidade-na-construcao-civil-conceitos-e-tendencias/>

Na construção civil, a sustentabilidade pode ser incorporada de diversas formas, entre elas, no uso de materiais sustentáveis e da utilização de técnicas que reduzem o impacto ambiental da construção. Além disso, é possível construir edifícios que utilizem fontes renováveis de energia, como a energia solar e eólica. A sustentabilidade é um elemento fundamental para garantir a longevidade e a qualidade de vida das gerações presentes e futuras, garantir e promover a qualidade de vida das pessoas e sobrevivência do planeta. É preciso repensar a forma como vivemos nos ambientes construídos e nos relacionamos com as edificações, e esse conceito aplicado aos projetos de interiores está cada vez mais presente para promover conforto, qualidade de vida, saúde e economia. As pessoas estão buscando alternativas mais sustentáveis e responsáveis para construir e decorar suas casas, o profissional precisa estar atento a essa demanda de mercado para atender de forma a aplicar as soluções sustentáveis destinada a cada projeto. Incorporar a sustentabilidade nos projetos de interiores e na decoração é uma forma de criar projetos de interiores mais autênticos e responsáveis que refletem a personalidade, individualidades e valores.

Os projetos de interiores sustentáveis podem ser adequados a aplicação de materiais sustentáveis, reutilizando e reciclando materiais, optando por móveis vintage ou de segunda mão, utilizando iluminação natural, plantas na decoração, tintas ecológicas e energia renovável, é possível criar projetos de interiores mais autênticos e responsáveis. Além disso, a sustentabilidade nos projetos de interiores também pode contribuir para a promoção da justiça social e da equidade econômica. Utilizando materiais sustentáveis e reutilizando e reciclando materiais, é possível reduzir o desperdício e a poluição e minimizar o descarte de resíduos, além de promover a inclusão social e a geração de empregos. Focar na sustentabilidade nos projetos de interiores é uma forma de contribuir para a preservação do meio ambiente e para a promoção da qualidade de vida das pessoas. O profissional ao incorporar a sustentabilidade nos projetos de interiores cria ambientes mais saudáveis, econômicos e responsáveis. Moxon (2012) aponta a bilateralidade da profissão do designer de interiores, que pode tender para o lado da durabilidade ou da descartabilidade.

A sustentabilidade nos projetos de interiores deve ser vista como um conceito fundamental para garantir a sobrevivência e a qualidade de vida das pessoas e do planeta. Para isso, é fundamental que os profissionais de interiores incorporem a sustentabilidade, repensem a forma como produzem e consomem, a forma como vivemos e nos relacionamos com o mundo, buscando alternativas responsáveis que minimizem os impactos gerados ao meio am-

biente. É um conceito fundamental que o profissional em design de interiores repense a forma como projeta e oferece seus serviços, buscando sempre por alternativas mais sustentáveis.



Figura 3: Fonte: <https://www.estilozzo.com/casa-original-conheca-os-37-ambientes-da-casacor-brasilia-2021/>

Nota-se que os profissionais buscam por uma formação complementar ou informações corretas sobre a sustentabilidade nos projetos de interiores é fundamental para evitar problemas futuros. Porém, a falta de compreensão das pessoas e consciência sobre o assunto tem feito muitos profissionais buscarem por referências e inspirações em plataformas de busca ou algumas vezes o profissional não compreende os fatores da sustentabilidade para aplicar em seus projetos. No entanto, essa prática pode trazer diversos problemas quando se trata de contratar um profissional para executar o projeto.

O primeiro problema é que o projeto inspirado em sites de busca pode não ser adequado ao espaço, às necessidades e individualidades de cada cliente. Segundo Norman (2008), a função principal do design é satisfazer as necessidades do usuário. Cada ambiente tem suas particularidades e limitações, um projeto que funciona bem em uma casa pode não ser a melhor opção para outra, cada cliente tem necessidades específicas que não foram consideradas no projeto. O segundo problema é a falta de originalidade. Copiar projetos de interiores pode levar a uma falta de criatividade e originalidade, o que pode prejudicar a reputação do profissional e a satisfação do cliente. Cada projeto de interiores é único e deve ser personalizado de acordo com as necessidades e preferências do cliente. Além disso, copiar projetos de interiores sustentáveis

pode levar a uma falta de adaptação às condições locais, cada região tem suas próprias características climáticas, culturais e sociais, que devem ser levadas em consideração na hora de projetar um ambiente sustentável. Copiar projetos de outras regiões pode levar a soluções inadequadas e pouco eficientes.

Outro problema é a falta de conhecimento técnico. Projetos de interiores sustentáveis envolvem conhecimentos técnicos específicos, como a escolha de materiais sustentáveis, a utilização de técnicas de construção eficientes e a utilização de tecnologias de energia renovável, projetos de outros profissionais podem levar a erros técnicos e a soluções inadequadas. Além disso, pode levar a uma falta de responsabilidade social e ambiental, cada projeto deve ser projetado levando em consideração os impactos sociais e ambientais que ele pode causar, além de soluções pouco eficientes. Nota-se que copiar projetos de interiores sustentáveis pode levar a uma falta de inovação e evolução. A sustentabilidade é um conceito em constante evolução, que exige a busca por soluções cada vez mais eficientes e responsáveis, por isso copiar projetos de outros profissionais pode levar a uma estagnação e a uma falta de inovação. Segundo Rodrigues, et al. (2016), o Design, pelo seu caráter holístico e dinâmico, posiciona-se como alternativa possível na aproximação de uma correta decodificação da realidade contemporânea, visto que na busca pela universalidade, alcança uma realidade mais coerente.



Figura 4: Fonte: <https://www.vivadecora.com.br/pro/plagio-em-arquitetura/>

Importante destacar que, copiar projetos de interiores da internet pode ser considerado uma violação de direitos autorais. Muitos projetos são protegidos por lei e não podem ser reproduzidos sem autorização do autor. Isso pode le-

var a problemas legais e financeiros para o cliente e o profissional. Portanto, pode não ser a melhor opção para quem busca um projeto personalizado e exclusivo. Um profissional experiente pode criar um projeto que atenda às necessidades e preferências do cliente, levando em conta suas particularidades e estilo de vida, isso pode resultar em um ambiente mais funcional, confortável e esteticamente agradável, que reflita a sua personalidade, necessidades, individualidades e gosto do cliente. Além disso, o profissional pode não se sentir confortável em executar um projeto que não foi criado por ele. Isso pode afetar a qualidade do trabalho e comprometer o resultado final. O profissional pode não ter experiência em trabalhar com os materiais e produtos utilizados no projeto copiado, o que pode levar a erros e retrabalhos.

Em resumo, projetos de interiores baseados em inspirações de sites de busca ou em publicações de outros profissionais nas redes sociais, podem trazer diversos problemas para o profissional e para o cliente, como a falta de originalidade, a falta de adaptação às condições locais, a falta de conhecimento técnico, a falta de responsabilidade social e ambiental e a falta de inovação e evolução. Por isso, é importante que os profissionais de interiores busquem soluções criativas e personalizadas, levando em consideração as necessidades, individualidades e preferências do cliente, as condições locais e os princípios da sustentabilidade. Os designers, são transformadores da sociedade, visto que seus projetos afetam o modo de vida dos consumidores, têm a oportunidade de criar novas propostas sociais e influenciar atitudes. O seu poder de conscientização social se materializa ao acreditar que para atender às necessidades humanas não é necessário prejudicar o meio ambiente (RODRIGUES, et al. 2012).

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é - O que não é**. 2016 Edição em Português. pag. 200. ISBN-10: 8532642985 ISBN-13: 978-8532642981

FIGUEIREDO, M. A.; SANTOS, D. C. D. **Sustainability in interior design: An approach to the evaluation of the built environment**. 2019. Sustainability, v. 11, n. 20, p. 1-22.

MOXON, Siân. **Sustentabilidade no Design de Interiores**. Editorial Gustavo Gili, SL: Barcelona, 2012.

NORMAN, Donald A. **Design Emocional: Por que adoramos ou detestamos os objetos do dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RODRIGUES, Janice A. R.; BELLIO, Liliana; ALENCAR, Camila O. C. **Sustentabilidade no Design: A transversalidade das teorias filosóficas e suas articulações na contemporaneidade**

complexa. Ano 6, n.9, jan-jul 2012, pp. 95 – 115. ISSN 1982-615x

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. 2010 Edição em Português. pág.464. ISBN: 8535916466

GÓMEZ-SOBERÓN, J. M. **Sustainable materials for interior design: current state of the art**. Sustainability, v. 7, n. 2 p. 2108-2128, 2015.



Materiais, Acabamentos e Equipamentos

Rosangela Bimonti
[@rosangela_bimonti](https://www.instagram.com/rosangela_bimonti)



“Cada pessoa é única.
É justamente essa singularidade que diferencia
cada um de nós.
E, ao mesmo tempo, conecta todos.
Incrível a diversidade humana, as ideias e
os pensamentos de cada mente.
A pluralidade do ser humano pode gerar riquezas
inestimáveis.
Para isso há o respeito com o outro.”
Nicholas Merlone

Os designers de interiores têm por função ajudar a tornar real os anseios dos clientes, para idealizar um projeto valioso e tratado com cuidado e atenção. A prioridade é sempre atender às necessidades de todos os envolvidos e garantir total satisfação, estimulamos a participação dos clientes no processo de concepção do projeto, para que suas individualidades sejam contempladas e o resultado atenda plenamente às suas necessidades e desejos;

Enfatizar a importância do projeto de interiores ser uma criação única e autêntica, que reflita a personalidade e as necessidades individuais de cada cliente, sem cópias ou plágios, além disso, cada projeto é único e personalizado para atender às necessidades e desejos específicos de cada cliente. Copiá-lo reduziria a qualidade e a originalidade do trabalho.

Quando os clientes buscam inspirações na internet, em revistas e mostras, é possível adaptar e conduzir as ideias à realidade e às características individuais, podemos usar esses projetos como fonte de inspiração e referência visual, entender o estilo, as cores, os materiais e a disposição dos elementos e adaptá-los e a certeza de criar algo único, nunca uma cópia.

A criatividade e a inovação, trazem soluções personalizadas e originais para cada projeto, levamos aos clientes a importância da singularidade e da individualidade nos espaços de convivência e utilização pessoal, promovendo

o bem-estar e a máxima identificação com o ambiente.

Não podemos deixar que apenas uma só pessoa decida o projeto todo de uma casa ou outro ambiente, pode ser bastante prejudicial para a individualidade e criatividade dos que ali vivem ou trabalham, a importância da autonomia e da liberdade para expressar suas próprias ideias e preferências em relação ao ambiente que vivem. Além disso podem surgir muitos conflitos e ressentimentos entre os membros desses ambientes.

Uma alternativa para resolver essa questão é promover a participação e diálogo entre todos os membros da família ou da direção de uma empresa no processo de planejamento e definição dos espaços. É importante que esses membros possam expressar suas necessidades, desejos e preferências, buscando sempre encontrar um equilíbrio entre as diferentes opiniões. Dessa forma, é possível garantir a satisfação e o bem-estar de todos, evitando possíveis conflitos e gerando um ambiente mais acolhedor e harmonioso.

A valorização das individualidades é fundamental para um projeto bem-sucedido de design de interiores, e cabe ao profissional desempenhar um papel de orientação e estímulo, visando a criação de ambientes únicos, personalizados e autênticos com respeito e valorizando cada ator na criação.

Este artigo está recheado de novidades, tivemos a **Expo Revestir** que é uma das maiores feiras de revestimentos da América Latina e é reconhecida como um importante evento para profissionais da arquitetura, design de interiores, revendedores e compradores internacionais. Ela acontece em março anualmente em São Paulo, Brasil.

A feira tem como objetivo apresentar as últimas tendências e inovações em revestimentos e acabamentos para construção e decoração de interiores. É um espaço onde os visitantes podem conhecer as novidades do setor, estabelecer contatos comerciais, realizar negócios e se atualizar sobre as melhores práticas e soluções disponíveis.

A **Expo Revestir** reúne uma ampla variedade de expositores, incluindo fabricantes, distribuidores e fornecedores de revestimentos, pisos, azulejos, mármore, granitos, louças sanitárias, metais, entre outros produtos relacionados.

E tivemos também o **Salone Internazionale del Mobile** que é uma das maiores e mais importantes feiras de móveis e decoração do mundo. Foi fundado em 1961 em Milão, Itália, um evento para promover as exportações de móveis italianos para outros países. Com o tempo, a feira cresceu e se tornou uma plataforma para as empresas do setor mostrarem suas últimas coleções e tendências para um público internacional de compradores, designers, arqui-

tetos e entusiastas do

O **Salone Internazionale del Mobile** acontece anualmente no mês de abril, na cidade de Milão. A feira é conhecida por apresentar as últimas tendências em design, móveis, iluminação, decoração e objetos de design, além de ser um importante ponto de encontro para os profissionais do setor. A cada ano, milhares de expositores e visitantes de todo o mundo participam do evento, que é considerado um dos mais importantes do calendário mundial de design e Design de Interiores.

Segue produtos e soluções inovadoras, da Revestir, seguindo as demandas e necessidades do mercado atual.

Uma das mais interessantes e talvez a mais importante novidade da feira é a linha A2to assinada pelo chef de cozinha Alex Atala para a Portobello, uma empresa brasileira que produz revestimentos cerâmicos. A parceria entre Atala e a Portobello resultou em uma linha de produtos que busca traduzir em design os atos de convivência e cozinha, valorizando a brasilidade e o uso de tecnologias inovadoras, uma bancada de cozinha que conta com um cooktop de indução invisível, marcado discretamente por lastras. Além disso, a bancada possui uma cuba embutida e um monocomando retrátil que pode ser guardado, deixando a bancada totalmente livre quando não está em uso. Um detalhe importante é que o cooktop é projetado para resfriar em no máximo um minuto após ser desligado, garantindo a segurança dos usuários.

Exemplo de como o design pode ser combinado com a funcionalidade e a segurança para criar produtos que atendam às necessidades dos usuários. Além disso, a parceria entre um chef de renome e uma empresa de revestimentos cerâmicos mostra como o design pode ser inspirado pela culinária e pela cultura local, resultando em soluções criativas e inovadoras.



Figura 1: Bancada tecnológica com indução invisível da Portobello desenvolvida em parceria com Alex Atala em porcelanato com cooktop embutido e resfriamento rápido.

Fonte: [Portobello](https://www.portobello.com.br).

Realmente, a bacia Numi 2.0, da Kohler, é uma peça surpreendente pelo conjunto de funções que oferece. Além de possuir um design sofisticado e elegante, ela conta com tecnologias avançadas que proporcionam conforto, praticidade e higiene.

Uma das funcionalidades mais interessantes é a possibilidade de ser acionada pela Alexa, assistente virtual da Amazon, permitindo que o usuário controle diversos recursos por comando de voz. A Numi 2.0 também possui alto-falantes integrados e luzes LED UV para higienização, além de permitir a reprodução de música por meio de conexão Bluetooth.

A bacia ainda possui assento aquecido, ducha higiênica automática e auto-higienizante, controle de pressão e temperatura, entre outras funções. Tudo isso faz com que a Numi 2.0 seja uma peça altamente tecnológica e inovadora, que traz praticidade e conforto para o dia a dia.

Essa é mais uma demonstração de como a tecnologia pode ser aplicada para trazer mais conforto e praticidade para os usuários, transformando objetos cotidianos em peças de alta tecnologia e design sofisticado.



Figura 2: Kohler Numi 2.0 é o banheiro inteligente com Alexa, luzes LED e um preço astronômico. Fonte: [bosshunting](https://www.bosshunting.com/).

O chuveiro elétrico Acqua Century Digital é uma novidade interessante no mercado, que traz diversas funcionalidades e tecnologias para proporcionar um banho mais confortável e econômico.

Uma das principais características do Acqua Century Digital é o seu design bonito e moderno, que se destaca em relação aos modelos tradicionais de chuveiros elétricos. Além disso, o produto possui um display que permite escolher

a temperatura desejada para um banho mais confortável e relaxante.

Outra funcionalidade interessante do Acqua Century Digital é o seu sistema inteligente de funcionamento, que aquece a água instantaneamente assim que o registro é aberto. Isso garante que a água esteja sempre aquecida e confortável, sem interrupções, evitando o desperdício de água fria parada na tubulação.

O chuveiro também conta com um gráfico de barras que indica o nível de potência que o produto está consumindo para aquecer a água, auxiliando o consumidor a ter um banho mais econômico. Essa funcionalidade permite que o usuário possa controlar o consumo de energia do chuveiro, reduzindo o impacto ambiental e economizando na conta de luz.

No geral, o Acqua Century Digital Lorenzetti é uma opção interessante para quem busca um chuveiro elétrico com design moderno e tecnologias avançadas, capaz de proporcionar um banho mais confortável e econômico



Figura 3: Chuveiro elétrico digital Lorenzetti. Fonte: [Casa Vogue](https://www.casavogue.com.br/).

O uso do Cobogó da Mundaú, feito a partir da casca do molusco sururu(-mexilhão marinho), é uma solução inovadora que apresenta vantagens tanto do ponto de vista estético quanto funcional. Além disso, a iniciativa também contribui para a sustentabilidade e o desenvolvimento econômico de regiões onde a pesca do sururu é uma atividade importante. A ideia de aproveitar resíduos que antes eram destinados aos aterros sanitários também está em linha com a ideia de economia circular, que preconiza a redução do desperdício e o

aproveitamento máximo dos recursos disponíveis. É uma iniciativa interessante que pode inspirar outras soluções semelhantes em outras áreas e regiões.



Figura 4: Cobogó feito com casca de sururu(mexilhão marinho) é reconhecido em prêmio internacional, produto brasileiro desenvolvido pelos designers Marcelo Rosenbaum e Rodrigo Ambrosio e o artesão Itamácio dos Santos. Fonte: [Revista Casa e Jardim](#).

Outra maravilha é saber que empresas como a Lepri, estão se preocupando em desenvolver soluções sustentáveis para reduzir o impacto ambiental causado pelo descarte inadequado de materiais como o jeans. O uso de resíduos têxteis reciclados na produção de revestimentos cerâmicos é uma excelente forma de promover a economia circular e contribuir para a redução da poluição. Além disso, o fato de o produto ter um design fashionista também pode incentivar os consumidores a adotarem práticas mais sustentáveis em sua decoração.



Figura 5: Lepri lança Coleção Índigo, produto reutiliza o jeans como matéria-prima. Fonte: [Lepri](#).

O uso do tom de verde Pistache em diferentes materiais na Expo Revestir mostra como a indústria de revestimentos e decoração segue tendências e inovações em cores. Mesmo não sendo a cor do ano da Pantone, o Pistache pode ser uma opção refrescante e elegante para compor ambientes. Além disso, a presença constante do tom em diferentes marcas indica que ele pode ser uma aposta forte para 2023.



Figura 6: Cuba assinada por Ruy Ohtake para a Roca. Fonte: [Revestindo a Casa](#).

As lastras em grandes formatos trazem uma série de vantagens, desde a

redução de custos e desperdícios até a estética e sofisticação das superfícies contínuas. A possibilidade de paginações sem recortes na estampa é um grande diferencial, proporcionando uma aparência mais uniforme e elegante ao ambiente. A utilização de tecnologias avançadas permite ainda que as lastras tenham acabamentos cada vez mais sofisticados e diferenciados, como texturas, relevos e brilhos.

Além disso, a tecnologia aplicada nesses produtos permite a reprodução de imagens com altíssima definição, resultando em revestimentos com texturas e acabamentos muito realistas. Outra vantagem dos grandes formatos é a redução de juntas e emendas, o que facilita a limpeza e manutenção do revestimento.



Figura 7: Revestimento Nero Marquina, da Roca Cerâmicas. Fonte: [Revestindo a Casa](#).

A estética da Escola Bauhaus, do Art Deco e do movimento Memphis continuam a influenciar a produção de revestimentos até os dias de hoje. Esse espírito do design tem sido reinterpretado e desconstruído, resultando em padrões geométricos retos ou redondos, cores fortes, formas ousadas e padrões gráficos. O movimento Memphis, em particular, teve grande impacto na cultura pop e está experimentando um ressurgimento em popularidade, com inspira-

ções estéticas nos produtos, com ares de feito à mão.



Figura 8: O Deco braid, da Painei Vinílico, foi inspirado nas linhas e cores da Bauhaus.
Fonte: [Revestindo a Casa](#).

A linha Murano, da Incepa, é um revestimento cerâmico que traz ares de obra de arte para os ambientes. Inspirada na técnica de produção do vidro de Murano, na Itália, a linha tem um acabamento que imita a textura e os efeitos das peças de vidro produzidas artesanalmente.

Com cores vivas e marcantes, a linha Murano traz uma atmosfera de arte e sofisticação para os espaços em que é aplicada. Além disso, a tecnologia de impressão digital utilizada na produção permite uma reprodução fiel das texturas e desenhos, resultando em um produto de alta qualidade e durabilidade.



Figura 9: A lindíssima linha Murano, da Incepa, chega carregada de arte com ares de feito à mão. Fonte: [Revestindo a Casa](#).

As louças metalizadas foram uma forte tendência na Revestir 2023. Além das cores clássicas como prata, dourado e cobre, as marcas trouxeram opções em tons mais ousados como azul e rosa, além do já mencionado pistache. A Bica Wave da linha You da Deca foi um exemplo de produto que chamou a atenção com sua superfície metalizada e ondulada, trazendo um toque de sofisticação para o banheiro que oferece muitas opções de cores, modelos, tamanhos, tipo de acionamento e formas de instalação para que você possa escolher a combinação ideal para o seu banheiro. Com tantas possibilidades, certamente há uma opção que atende às suas necessidades e preferências.



Figura 10: Bica de mesa P para cuba e lavatório Deca You Wave Dynamic Lilac. Fonte: [Revestindo a Casa](#).

No Salão do Móvel de Milão, a Euroluce, importante feira de iluminação que ocorre a cada dois anos em Milão, na Itália. Em sua 31ª edição, a exposição repensou seu layout para garantir uma melhor conexão entre os quatro pavilhões e aumentar a visibilidade dos expositores. O conceito da exposição é a Cidade Luz, que será o fio condutor da mostra e proporcionará experiências imersivas e reflexivas para os visitantes. Além disso, a Euroluce abrange uma vasta gama de produtos de iluminação, desde dispositivos para iluminação exterior, interior e industrial, até sistemas de iluminação e software de aplicação de iluminação. A feira também é reconhecida por ser vanguardista no campo

da eco sustentabilidade e economia de energia.



Figura 11: Euroluce na feira, a mais vanguardista no campo da eco-sustentabilidade e economia de energia. Fonte: [salonemilano](https://www.salonemilano.com).

A instalação da Lasvit parece ser realmente impressionante, com a nuvem de vidro suspensa evocando conceitos importantes para a temática do Saloni, como conexão com a natureza e conectividade tecnológica. Além disso, a presença de luminárias assinadas por designers renomados como os Irmãos Campana, David Rockwell e Yabu Pushelberg deve ser um destaque interessante para quem visita o estande da marca.



Figura 12: A nuvem da Lasvit. Fonte: [designweekend](https://www.designweekend.com).

O SaloneSatellite, importante espaço para os novos designers, vem com a pergunta “Design: Dove Vai?” (ou “Para onde o design está indo?”) proposta para as escolas de design é muito interessante, pois convida os participantes a refletir sobre o futuro do design e suas direções. As respostas podem vir na forma de instalações e outros projetos, oferecendo diferentes perspectivas e abordagens criativas. Essas manifestações artísticas e conceituais podem proporcionar insights sobre as tendências emergentes, as preocupações sociais, a inovação tecnológica e as mudanças culturais que estão moldando o campo do design. É uma oportunidade para explorar novas ideias e abrir espaço para discussões e reflexões sobre o papel do design na sociedade atual e futura.



Figura 13: Objetos, tableware, a Ichendorf trabalha de forma irreverente com o vidro criação dos designers Mario Trimarchi e Alessandra Baldereschi. Fonte: [designweekend](https://www.designweekend.it/).

O grande vencedor da 12ª edição do Prêmio SaloneSatellite 2023, foi o projeto “Tatami Refab”, desenvolvido pelo estúdio de design japonês Honoka, é uma abordagem inovadora que combina material reutilizado de tatamis com a tecnologia de impressão 3D para criar objetos do dia a dia. Essa proposta busca reintroduzir marcas da tradição e cultura japonesas no cotidiano e nos espaços domésticos, considerando que o uso de tatamis está diminuindo ao longo dos anos no Japão.

Ao transformar os materiais de tatamis usados em novos objetos por meio da impressão 3D, o projeto visa trazer uma nova vida a esses elementos tradicionais e preservar sua importância cultural, o processo envolve a pulverização de esteiras velhas, combinando-as com plásticos biodegradáveis e usando esse material para impressão 3D. Essa abordagem criativa permite que os

tatamis sejam reinventados e incorporados em diferentes contextos, proporcionando uma conexão entre o passado e o presente.

Além disso, o “Tatami Refab” também aborda a questão da sustentabilidade, ao utilizar materiais reutilizados e promover a redução do desperdício. A combinação entre técnicas tradicionais e tecnologia moderna resulta em objetos únicos, que refletem a rica herança cultural do Japão de uma maneira contemporânea e funcional para o dia a dia.



Figura 14: O projeto Tatami Refab por Honoka Japão. Fonte: [Gazeta do Povo](#).

O Fuorisalone é um evento anual que ocorre em Milão, na Itália, e é realizado em conjunto com o Salone del Mobile, resultando na Milan Design Week, uma semana dedicada ao design e inovação, é uma parte essencial desse evento, pois abrange uma série de exposições, instalações, eventos e atividades que acontecem em diferentes locais da cidade, além dos pavilhões da feira principal.

O objetivo é oferecer um espaço inclusivo para grandes, médias e pequenas empresas, bem como para designers independentes, apresentarem suas últimas criações, produtos e projetos inovadores. Ele permite que profissionais da indústria, entusiastas do design e o público em geral explorem uma variedade de espaços expositivos, showrooms, galerias e áreas públicas que são transformados em cenários criativos durante a semana do evento.

É também conhecido por promover o networking e a troca de ideias entre profissionais do setor, impulsionando a colaboração e o crescimento da indús-

tria do design. Além disso, o evento atrai visitantes internacionais, compradores, jornalistas e entusiastas do design, consolidando sua posição como um dos eventos mais importantes e influentes no cenário global do design.

A Milan Design Week e o Fuorisalone são momentos emocionantes para descobrir as últimas tendências, inovações e criações no mundo do design, fornecendo uma vitrine única para a criatividade e a excelência do design italiano e internacional.



Figura 15: Fuorisalone e as lindíssimas instalações. Fonte: [milanosalone](https://www.milanosalone.it).

Os sofás neutros foram populares por um longo tempo, mas há uma crescente tendência em adicionar um toque de cor aos interiores. Sofás em tons ousados, como vermelho, verde esmeralda ou azul profundo, podem se tornar peças de destaque em uma sala de estar.

O uso de materiais naturais em móveis, incluindo sofás, está em alta. Sofás de madeira maciça ou com estruturas de bambu podem trazer uma sensação orgânica e ecológica ao ambiente. Além disso, estofados de tecidos naturais, como algodão ou linho, são uma escolha popular para quem busca uma estética mais sustentável.

Com espaços de vida cada vez menores, os sofás modulares estão ga-

nhando popularidade. Eles oferecem flexibilidade e podem ser adaptados para atender às necessidades de espaço e estilo de cada indivíduo. Os módulos podem ser rearranjados para criar diferentes configurações, desde sofás em L até chaise longues, permitindo uma personalização versátil.

Tecidos com texturas interessantes estão se tornando uma escolha popular para sofás. Eles podem adicionar profundidade e uma sensação tátil ao ambiente. Tecidos como veludo, camurça e lã são apreciados por sua aparência luxuosa e textura suave.

Elementos de design retro ou vintage continuam a ser uma tendência em interiores. Sofás com formas arredondadas, inspirados nos estilos dos anos 50 e 60, podem trazer um toque de nostalgia e charme para um espaço contemporâneo.

Lembre-se de que essas são apenas algumas tendências gerais e é sempre importante escolher um sofá que se adapte ao seu estilo pessoal e às necessidades do seu espaço. Para obter informações atualizadas sobre as tendências mais recentes, é recomendável pesquisar revistas de design de interiores, sites especializados e acompanhar as novidades do setor.



Figura 16: Influência com a marca italiana Egoitaliano em design de sofás.

Fonte: [italianbark](https://italianbark.com).

As cores voltaram com os avanços nos materiais sintéticos com toque aconchegante que têm permitido a criação de móveis que podem ser utilizados tanto em ambientes internos quanto externos. Anteriormente, sofás e cadeiras para áreas de estar eram predominantemente fabricados com materiais como tecidos de algodão ou couro, que não eram adequados para exposição ao ar livre.



Figura 17: “Os novos mobiliários externos vêm com cara de mobiliário interno. São sintéticos, mas tem calor e a temperatura visual, com espuma de secagem rápida”, diz o arquiteto Antônio Ferreira Junior. Fonte: [Caras](#).





VOCÊ CONHECE A HISTÓRIA DA REGULAMENTAÇÃO DO DINT AQUI NO BRASIL? PARTE III.

Dando sequência à história da regulamentação do Design de Interiores aqui no Brasil, chegamos ao Projeto de Lei 4692/2012 – aquele que virou a Lei nº 13.369/2016, que regulamentou a profissão – doravante, PL.

Antes de dar sequência na análise do texto é preciso esclarecer que apesar do caput ter sido alterado durante a tramitação, mudando de **regulamentação** para **garantia**, conforme consta no texto da Lei sancionada “*Dispõe sobre a garantia do exercício da profissão de designer de interiores e ambientes e dá outras providências.*”, isso não afeta em nada e, tampouco, autoriza quem quer que seja a interpretá-la de forma maliciosamente equivocada ou mal intencionada na tentativa de desmerecê-la ou à profissão.

Segundo o ordenamento jurídico nacional, para uma lei regulamentar o exercício de uma profissão ela necessita elencar dois pontos fundamentais:

- **As competências** – está relacionado a tudo que o que o profissional pode fazer baseado em sua formação acadêmica e,
- **As responsabilidades** – são pontos, definidos em Lei e no código de ética profissional, que determinam as situações em que o profissional poderá ser punido em caso de erro ou imperícia. Também indicam outras responsabilidades como a social, ambiental, etc.
- **Ambas estão presentes no texto da Lei 13.369/2016.**

Portanto, essa é sim uma Lei que regulamenta a profissão do designer de interiores e tem validade como qualquer outra. E quem a desrespeita ou desmerece comete CRIME!

Existe um grupo que faz isso constantemente e chegou ao absurdo de “não reconhecer” a Lei como válida. Com isso, continuaram sua perseguição aos profissionais de Dint chegando ao ponto de promover humilhações públicas junto a profissionais que estavam expondo em mostras e, pior, agindo de má fé impondo suas notificações por causa de posts (fotos) em perfis em redes

sociais onde os mesmos SUPÕEM que haja algum excesso ou irregularidade cometido por profissionais de DESIGN DE INTERIORES E AMBIENTES.

Isso é um crime gravíssimo! Alegam um suposto “exercício ilegal da profissão de arquitetura de interiores”. O problema é que eles interpretam de forma enviesada a nossa Lei e de forma superestimada a Lei deles. Para piorar, inventaram que aqui no Brasil essa tal “arquitetura de Interiores” é o mesmo que Design de Interiores, que eles têm a mesma formação (ou até mais) que nós nessa área específica quando, na verdade, basta observar as grades curriculares dos cursos deles para constatarmos que se trata de uma mentira!

Pelo curto espaço da coluna não vou me estender sobre isso, mas em meu blog – [Design: Ações e Críticas](#) - tem vários posts descrevendo esse problema e denunciando as falácias que o sustentam bem como, os porquês da necessidade deles de invadir o campo profissional de outra profissão que em todo o resto do mundo é RESPEITADA, INDEPENDENTE e de OUTRA ESCOLA PROFISSIONAL que nada tem a ver com a deles.

Vamos à análise do texto e da tramitação do Projeto de Lei:

PL 4692/2012	
Autor:	Ricardo Izar - PSD/SP
Iniciativa:	ABD
Ementa:	Dispõe sobre a regulamentação e o exercício da profissão de designer de interiores e dá outras providências.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=559173
Argumentação:	Aprovado. Sancionado em 16/12/2016.

Esse é o PL que virou a Lei 13.369/2016, que regulamentou a profissão de Designer de Interiores aqui no Brasil. Sua tramitação foi bastante conturbada e enfrentou obstáculos que não ocorreram nos anteriores. Especialmente, a forte atuação contrária por parte do CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) através de seu lobby dentro do Congresso Nacional.

O texto original foi apresentado em 08/11/2012, pelo Deputado Ricardo Izar (PSD-SP), sendo encaminhada pela Mesa diretora às CTASP (Comissões de Trabalho, de Administração e Serviço Público) e a CCJC (Constituição e Justiça e de Cidadania) para discussões e análises.

Foi recebida em 19/12/2012 na CTASP tendo sido designada como Relatora a Deputada Andreia Zito (PSDB-RJ). Em 08/03/2013 foi aberto o prazo para apresentação de emendas ao PL. Findo o prazo, não foram apresentadas emendas. A relatora solicita, então, a realização de uma Audiência Pública, no âmbito da Comissão, para debater o Projeto de Lei nº 4.692/2012 tendo sido

aprovado o mesmo. Para essa audiência foram convidados a participar da mesa:

Sra. Nora Geoffroy – Coordenadora do Curso Composição de Interiores da Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Sra. Bianca Mugnatto – Vice-presidente da Associação Brasileira de Designers de Interiores, nesse período;

Sr. Jonathan Schmidt – Assessor Jurídico da Associação Brasileira de Designers de Interiores;

Sra. Regina Célia Lopes Araújo – Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e

Sr. Haroldo Pinheiro Villar de Queiroz – Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, nesse período.

Como justificativa à essa solicitação a relatora afirma que

(...) fui procurada por diversas entidades que representam essa classe de trabalhadores, solicitando que fosse convocada audiência pública nesta Comissão a fim de permitir um amplo debate em torno dessa proposição.

O citado autor da proposição, de acordo com as suas justificativas, afirma que a atividade dos designers de interiores está relacionada com a do arquiteto sem, contudo, confundir com ela. Ocorre que a falta de regulamentação da referida profissão gera dúvidas quanto ao livre exercício profissional da atividade. Observa-se que esse profissional enfrenta no seu dia a dia uma série de obstáculos de ordem legal, que são colocados pelos conselhos profissionais de outras profissões afins já regulamentadas, de modo a inibir e restringir o campo de atuação de designer de interiores.

Portanto, diante dos compromissos assumidos por mim, ressalto ser imprescindível a promoção da audiência, objetivando permitir o debate em torno da proposição em comento, o que irá subsidiar esta relatoria na confecção do meu relatório.” (grifos meus)

Quando a relatora fala sobre “diversas entidades”, na verdade ela está se referindo especialmente ao recém-criado CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) que já tinha colocado seu lobby para minar a tramitação desse PL ou, no mínimo, interferir o máximo que conseguisse tanto na tramitação quan-

to no texto dele. Com relação às dúvidas também citadas, não passavam de “achismos” (MORIN) deles com relação à profissão como, por exemplo, a insistência de que Design de Interiores se tratava APENAS Decoração – ou seja, da superfície e adornos móveis – bem como, do completo desconhecimento da estrutura curricular dos cursos de graduação em Design de Interiores.

Durante algum tempo ficaram disponíveis no site da Câmara os vídeos das plenárias das comissões e dessa audiência. Infelizmente não estão mais lá pois haviam “argumentos” no mínimo risíveis por parte dos defensores do CAU que comprovavam minha afirmação anterior. Mas estão disponíveis os áudios. Basta ter paciência para procurá-los em cada sessão onde o PL passou.

Eu assisti presencialmente a essa audiência. Porém, inexistiu a possibilidade da plateia participar. Apenas os integrantes da mesa e os deputados que estivessem no Plenário poderiam fazer uso da palavra – um erro grave pois eu e outros ouvintes tínhamos argumentos sólidos que poderiam derrubar as falácias apresentadas pelos representantes do CAU e ajudar a esclarecer pontos essenciais que ficaram perdidos e/ou ausentes no debate. Mesmo assim, eu consegui pegar o grupo do CAU no corredor após a audiência, me dirigindo especificamente ao presidente da entidade onde, APÓS ME APRESENTAR, lhes fiz essa pergunta:

Como você pode afirmar que eu, graduado em Design de Interiores e especialista em projetos de iluminação, além da prática de anos, não posso projetar Lighting Design ao mesmo tempo em que afirmam que arquitetos recém-saídos da universidade – onde mal tiveram uma disciplina específica sobre isso e nem sabem diferenciar as lâmpadas básicas – podem? Qual a justificativa para isso?

Não houve uma resposta concreta a não ser um amontoado de gaguejadas e... ACHISMOS. Disse-lhe então que ele nem sabia o que era Design, que desconhecia as bases e processos de um projeto de Design e, menos ainda, o que é trabalhado em cursos de Design de Interiores. Como então poderia ousar querer pautar uma profissão que nem faz parte da área de Arquitetura. Sua assessoria, bastante incomodada, o arrastou para longe de mim.

Ficou claro que eles **NÃO SABEM o que é Design de Interiores**, tampouco a história dessa profissão, suas bases acadêmicas e suas práticas mundo afora. E nem se importam com isso afinal, estavam reinventando por aqui o termo “arquitetura de interiores” inserindo no mesmo a definição internacional do que é Interior Design para ser usada no glossário da famigerada, irresponsável e criminosa Resolução nº51, a fim de **RESERVAR MERCADO** apenas para os

arquitetos em um campo que eles mal veem durante suas graduações. Vale ressaltar que a essa resolução encontra-se suspensa até que saia o resultado da Comissão montada pela Câmara dos Deputados, com representantes de TODAS as áreas afetadas, para eliminar os abusos dela.

No dia 09/10/2013 a relatora apresenta seu parecer, pela aprovação do PL. Ela lembra que

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) identifica e descreve a atividade de designer de interiores (código 2629) e também a de técnico em design de interiores de nível médio (código 3751).

Ela cita, também, que apesar de nosso ordenamento jurídico versar sobre o livre exercício profissional de acordo com o Art. 5º da Constituição Federal, os profissionais habilitados em Design de Interiores têm sofrido sérios constrangimentos por causa de pontos em comuns com outras profissões. Com a regulamentação, ora em pauta, esses profissionais passariam a ter segurança jurídica para exercer a sua atividade sem constrangimentos e, ao mesmo tempo, garantindo a livre concorrência no mercado. Lembra também que com a regulamentação, abre-se a garantia dos consumidores desse serviço de contar com profissionais qualificados garantindo-lhes a segurança, o bem-estar e a saúde. Ainda, relembra as propostas anteriores que tramitaram pela casa sobre o mesmo tema e seus argumentos favoráveis, em especial o PL 5712/2001 que ainda se encontra sobre a mesa pendente de aprovação. E finaliza votando pela aprovação do PL 4692/2012.

Em 07/11/2013 o Deputado Zezéu Ribeiro (PT-BA) apresenta um requerimento 9032/2013 solicitando que seja incluído no rol de comissões da tramitação, a Comissão de Educação para análise e o requerimento 9033/2013 solicitando que o PL 5712/2001 fosse apensado para tramitação em conjunto. Ambos foram rejeitados pela Mesa Diretora. O primeiro sob a alegação de que *“a matéria versada no Projeto de Lei n. 4.692/2012 não se enquadra no campo temático da Comissão de Educação”*. O segundo, sob a alegação de que *“ambos os projetos encontram-se submetidos ao regime de tramitação conclusiva nas comissões, e que o Projeto de Lei n. 5.712/2001 já recebeu parecer de mérito”*.

No dia 27/11/2013 a CTASP aprova por unanimidade o relatório. No dia 28/11/2013 o PL é recebido pela Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania (CCJC), tendo sido designado Relator o Deputado Fábio Trad (PMDB-MS).

No dia 04/12/2013 o Deputado Izalci (PSDB-DF) apresenta o requerimento 339/2013 solicitando que a Comissão de Educação avoque o PL nº 4692/2012

para que possa se manifestar. O argumento principal dele é

O referido projeto determina a graduação em nível bacharelado, sem levar em consideração que no rol de cursos do Ministério da Educação, a formação do Designer é regulamentada em nível tecnológico, com carga e conteúdo reduzidos.

Inúmeras turmas se graduaram como tecnólogos e estarão excluídos caso o projeto seja aprovado sem a devida adequação.

Em 05/12/2013 a Mesa diretora decide pela aprovação do requerimento e, ao mesmo tempo, revê a rejeição ao requerimento anterior sobre a análise pela CE. Isso provoca que o PL seja devolvido pela CCJC para nova distribuição. Em 11/12/2013 dá entrada na Comissão de Educação (CE) tendo sido designado relator o Deputado Izalci (PSDB-DF). Aberto o prazo para emendas sem ter sido apresentada nenhuma.

No dia 18/07/2014 o Deputado Izalci apresenta seu parecer sobre o PL. de início, ele ressalta que de forma equivocada o campo profissional tem sido RESERVADO aos arquitetos, em detrimento aos profissionais de Design de Interiores que possuem formação acadêmica específica sobre essa área e que, de acordo com a CBO, possui classificação distinta dos arquitetos. Segundo o relator, de acordo com a ótica educacional baseado na análise dos componentes curriculares dos cursos de Design de Interiores, é necessário buscar a relação entre a formação técnica e as atividades relacionadas ao exercício profissional. Ele apresenta, então, um substitutivo ao texto original.

A primeira alteração diz respeito aos profissionais habilitados ao exercício profissional do Design de Interiores. Apesar de fazer vista grossa sobre a não formação dos arquitetos nessa área e mantendo-os no texto do art. 4º, ele solicita a retirada das profissões de desenho industrial (design) e de artes plásticas alegando que esses não possuem formação técnica específica para tal.

Solicita, também, que seja inserido no texto um elemento que destaque a questão de que *“os projetos que alterem a estrutura de edificações devem ser avaliados e executados por profissionais habilitados na forma da lei”*.

Lembra também sobre os números de cursos específicos existentes no Brasil e a ausência de segurança jurídica para que os egressos desses cursos possam exercer a atividade que escolheram como profissão e que investiram tempo e dinheiro na formação. Finaliza seu relatório propondo a aprovação conforme o substituto apresentado.

No dia 08/10/2014 o Deputado Rubens Bueno (PPS-PR) apresenta o requerimento 10738/2014 à Mesa Diretora para que o PL 4692/2012 seja enca-

minhado “*para a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, tendo em vista que o prazo de 40 sessões para a Comissão de Educação deliberar a matéria já foi esgotado*”.

Na Comissão de educação o deputado Izalci apresentou uma complementação de voto no dia 30/10/2014, considerando os debates internos e apontamentos de outros integrantes: (a) incluir a palavra “internos”, com o objetivo de restringir a atuação dos profissionais segundo as competências estipuladas no caput do artigo em comento e (b) a inclusão de dois artigos para contemplar os profissionais de nível técnico, que denominamos de Técnico em Design de Interiores.

O PL foi aprovado nessa data, com alterações e direcionado para a Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania (CCJC), onde foi designado como relator o Deputado Gabriel Guimarães (PT-MG). Em 17/03/2015 foi designado novo relator, o Deputado Betinho Gomes (PSDB-PE). No dia 09/04/2015 o relator apresenta seu voto favorável, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa. No entanto, ele apresenta alguns argumentos questionando a exclusividade do exercício profissional aos profissionais habilitados - seja em nível técnico ou superior - em Design de interiores:

A Constituição Federal em seu Art. 5º Inciso XIII diz: “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer”. Esse dispositivo da nossa Carta Magna tolhe o legislador de restringir o livre exercício profissional que não sejam em atendimento às “qualificações profissionais que a lei estabelecer”. Segundo o Ministro Eros Grau, “qualificações profissionais são qualificações de capacidade técnica”. Portanto, só há necessidade de se delimitar um campo de atuação a algum tipo de profissional habilitado na condição em que o interesse público à segurança sobrepõe ao direito individual do livre exercício profissional.

Nesse diapasão não poderiam os arquitetos serem alijados da atividade que se pretende regular. Por outro lado, os profissionais formados, por instituições de ensino registradas e reguladas pelo Ministério da Educação, nos cursos de Design de Interiores, Composição de Interiores e Design de Ambientes não podem também continuar sob um limbo jurídico que os impeçam de exercer a atividade técnica para qual estudaram e se formaram. (Voto do relator, grifos meus).

Percebam como, mesmo com assessoramento técnico específico e a

quantidade de informações disponíveis na internet, ele ignora e questiona a existência de competência técnica no Design de Interiores trazendo, de novo, uma simplificação comparando à Decoração. Pior, alega que os cursos de Arquitetura oferecem a mesma qualidade de formação em projetos de interiores – olhem o lobbie atuando aí. O parecer do relator foi aprovado em 25/06/2015.

O PL volta para a Mesa diretora e, em 08/07/2015 o Deputado Luiz Carlos Busato (PTB-RS) apresenta o recurso nº 48/2015 onde colococa questionamentos relacionados às distintas atribuições relacionadas aos níveis de formação acadêmica (técnico e graduado), informando que não há distinção clara no texto, joga essa normatização para o Ministério do Trabalho para que faça essa definição. Com razão, ele argumenta que:

Por sua vez, profissionais com formação técnica, com carga horária reduzida em relação aos cursos superiores em Design de Interiores, Composição de Interior, Design de Ambientes na especificidade de interiores e Arquitetura e Urbanismo, poderão projetar ambientes internos ou a ocupação dos espaços. A atividade projetual, como é sabido, quando falha, pode ocasionar graves danos aos cidadãos e à sociedade. (Recurso, grifos meus).

Esse problema não foi sanado durante a tramitação. Talvez, a insistência das investidas do CAU tenha obrigado os responsáveis pelo PL a focar em outras questões e deixado esse passar. A questão é que, com essa falha que persistiu, os técnicos se aproveitaram dessa brecha da Lei e impuseram uma Resolução altamente questionável definindo, unilateralmente, as atribuições desses profissionais através de um Conselho recém-criado. No texto deles, técnicos não tem limites para projetar, puxam para si atribuições de uma formação plena em uma manobra irresponsável afinal, plenos são apenas os profissionais de nível superior – e olha lá... depende muito do curso.

Ainda no recurso, o deputado questiona a presença no texto do termo Código de Ética:

Não há a criação de normas sobre a ética na profissão, mencionando a proposta tão somente que “o designer de interiores, no exercício das suas atividades e CÂMARA DOS DEPUTADOS atribuições, deve zelar pela conduta ética”. Ou seja, o dispositivo apresenta redação genérica e pouco específica quanto aos princípios éticos a serem seguidos pelos referidos profissionais.

Seria o código de ética da ABD? Se não, como e quem iria elaborá-lo após a sanção da lei? E segue:

O Projeto de Lei não cria órgão fiscalizador, e não fala de registro em Conselho Profissional, o que novamente enseja apreensão, visto que algumas atividades do designer de interiores são compartilhadas com os arquitetos e urbanistas.

A questão de não citar a criação de um Conselho específico é fundamentado no fato de que essa é uma atividade exclusiva do Poder Executivo. Tivemos outros PLs que tramitaram com a pretensão de criar conselhos e que caíram exatamente por esse erro. A questão de não citar a adesão a qualquer conselho profissional tem a ver com o fato de que alguns parlamentares estavam agindo em conluio com o CAU para forçar a nossa entrada obrigatória nesse conselho – isso fica claro nos áudios das reuniões onde isso é falado por vários deputados mostrando, não apenas desconhecimento sobre a nossa profissão, mas também a forte influência dos arquitetos dentro da Câmara.

Mas como e porque fazer parte de algo que estava claramente tentando nos destruir?

Habilmente isso foi contornado e conseguimos deixar em aberto esse tema, uma vez que já havia contatos iniciais – e favoráveis – junto ao sistema CREA/ CONFEA para que pudéssemos fazer parte dele. Eu e vários outros profissionais já estávamos negociando e abrindo os caminhos com o CREA. Mas precisávamos da Lei aprovada e de uma entidade representativa de nível nacional para efetivar a ação.

No dia 14/07/2015 foi deferido outro recurso, o n. 2.474/2015, onde é solicitada a retirada do recurso n. 48/2015. Não consta no site a autoria dele. O PL é então encaminhado para a CCJC para elaboração da redação final, onde foi designado Relator da Redação Final o Deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP).

Para não estender demais o texto, farei uma nova parte na próxima edição dando sequência ao processo, pois ainda há muita coisa a ser apresentada sobre a tramitação desse PL, incluindo no Senado, os vetos e a votação dos vetos no Congresso Nacional.

Todo esse detalhamento é importante para que vocês entendam como é difícil a tramitação de uma matéria dentro do Congresso Nacional.

Não se trata apenas de debater a matéria. Trata-se, principalmente, de combater a desinformação e desconhecimento dos parlamentares sobre muitos assuntos que são reforçados por forças contrárias e, claramente, corporativistas.

Se trata, também, de mostrar para vocês qual a importância da união de todos nós - acadêmicos, profissionais e apoiadores - em torno de pautas refe-

rentes à nossa profissão.

Então, quando ouvirem algum chamado para que votem em enquetes, encaminhem mensagens aos parlamentares da sua região solicitando apoio ou qualquer outra ação, PARTICIPE!

Somente assim conseguiremos garantir a INDIVIDUALIDADE da nossa profissão.

E, vale ressaltar ainda, que estamos com um novo PL em tramitação no Senado. Trata-se do PL nº 2375/2022 que tem por finalidades (i) restituir à Lei 13369/2016 os artigos vetados e não derrubados pelo Congresso Nacional referentes à formação acadêmica e (ii) acrescentar como órgãos fiscalizadores o sistema CONFEA/CREA - para profissionais de nível superior - e o CFT - para os de nível técnico, que versarei mais à frente.

Referências:

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Ficha de tramitação do PL nº 4692/2012**. Disponível em <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=559173>>.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo. Editora Cortez, 2000. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/OsSeteSab.pdf>>





INDIVIDUALIDADE

Como novo colunista da Revista DIntBR, preciso me apresentar a vocês.

Minha relação com universo luminotécnico iniciou-se através da implementação de iluminação em projetos de mobiliário, que desenvolvia para clientes da marcenaria do meu pai na cidade de Curitiba, isto ocorreu de 1990 à 2010. Este ciclo se encerrou e um novo se iniciou quando aproveitei a oportunidade de mudança para o interior do estado do Paraná. Decidi aprofundar meus estudos na iluminação, paralelamente me tornei assinante da Lume Arquitetura e L+D (principais revistas de iluminação do Brasil), foi quando conheci o Prof. Paulo Oliveira e o Prof. Valmir Peres, dentre tantos apaixonados, estudiosos e críticos da iluminação, também comecei a participar dos principais eventos da área, como Estilo Luz Brasil e Led Forum, este foi o grande divisor de águas na minha vida. Tive o privilégio de projetar a primeira loja da cidade, a utilizar 100% tecnologia led (2013). Posteriormente projetei a iluminação externa da nossa construção arquitetônica mais importante, Igreja Nossa Senhora de Fátima, que por sua vez esteve na Lume Arquitetura (imagens ao final dessa coluna). Hoje colaboro com o Atelier Eduardo Becker nos projetos conceituais de iluminação dos 57 Bens Culturais de Curitiba.

Agora, passemos ao tema da edição.

Quando somos contratados para pensar e elaborar um design, não nos deparamos apenas com parceiros comerciais (clientes), mas sim com pessoas, com história, em busca de um projeto que de alguma maneira reflita sua

personalidade e seus gostos pessoais.



Figura 1: Fonte: Atelier André Wuicik. Pintor, Bruno Cruz.

Quero compartilhar aqui um relato de algo extremamente curioso que me ocorreu na apresentação da proposta do projeto para um cliente. O projeto em questão era a revitalização da sala TV/JOGOS de um hotel e minha proposta envolvia um painel iluminado. Meus clientes são aficionados por carros, e isso geralmente faz parte do universo masculino, que é predominante entre os hóspedes do hotel. Levando isso em consideração, pedimos ao artista local, Bruno Cruz, que fizesse uma pintura especial para a sala de TV. A obra contempla imagens de alguns modelos de carros que os clientes possuem. E o resultado da proposta, pode ser observado em detalhes nessa imagem.

Durante uma das reuniões com os clientes, enquanto discutíamos os detalhes do projeto, eles confessaram que no começo estavam reticentes à ideia, pois haviam feito uma pesquisa na internet, mas não haviam encontrado outros hotéis que tivessem utilizado algo parecido. Aquelas palavras para mim foram como se eu estivesse ganhado um troféu. Obviamente não expressei minha satisfação publicamente naquele momento, mas o faço agora.

Individualidade. Este tema me fez refletir sobre o episódio vivido, pois é tudo o que mais queremos: que nossos projetos sejam únicos.

Muitas coisas podem conduzir ao plágio, como a falta de tempo para criar (seja pela pressão dos clientes com prazos curtos, ou uma agenda mal administrada), um repertório curto, uma mente cansada e a lista vai embora.

E como lidar com as solicitações dos clientes, que vem acompanhadas de

imagens do Pinterest e outros? Como recriar sem plagiar???

Entendo que o poder de persuasão precisa estar totalmente relacionado com nossa capacidade de recriar a partir de elementos existentes, consequentemente com nosso processo criativo. O design que apresentamos para nossos clientes tem que ser nosso maior argumento.

Tenho entendido nesta caminhada de que não existe design original sem um processo criativo honesto, que implica pesquisa, estudo, apreciação, tempo e paixão.

Termino esse texto com uma reflexão, escrita por Valmir Perez na obra Luz e Arte:

“...cada um tem um processo criativo próprio, mas pode, também, pesquisá-lo e estudá-lo. Desta forma, se o artista investe em seu processo ao invés de investir no produto final da obra, pode contribuir muito mais com a arte do que aqueles que estão mais preocupados em serem inovadores sem inovar as formas do fazer. E correm o risco de produzirem obras permeadas e encharcadas de cópias sobre cópias e de estilos corrompidos pelo tempo”.



Figura 2: Primeira loja da cidade, a utilizar 100% tecnologia led. Fonte: arquivo pessoal (2013).



Figura 3: Iluminação externa da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Fonte: arquivo pessoal.



ACESSE O NOSSO CANAL NO YOUTUBE



LINK NA BIO DO INSTAGRAM
@DESIGNDEINTERIORESBR



DESIGN DE INTERIORES BRASIL